


Deneval Siqueira de Azevedo Filho

# Os bandidos na mesa do café



e  
d  
u  
f  
e  
s

# **Os bandidos na mesa do café**

**Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)**  
**Av. Fernando Ferrari - 514 - Campus de Goiabeiras**  
**CEP 29 075 910 - Vitória – Espírito Santo, Brasil**  
**Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br**  
**www.edufes.ufes.br**

**Reitor** | Reinaldo Centoducatte  
**Vice-Reitora** | Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto  
**Superintendente de Cultura e Comunicação** | Ruth de Cássia dos Reis  
**Secretário de Cultura** | Orlando Lopes Albertino  
**Coordenador da Edufes** | Washington Romão dos Santos

#### **Conselho Editorial**

Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Maria Helena Costa Amorim, Sandra Soares Della Fonte, Wilberth Claython Ferreira Salgueiro.

**Revisão de Texto** | Fernanda Scopel Falcão  
**Projeto Gráfico: Capa e Diagramação** | Denise Pimenta

---

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

A994b      Azevedo Filho, Deneval Siqueira de, 1954-.  
Os bandidos na mesa do café / Deneval Siqueira  
de Azevedo Filho. - Vitória : EDUFES, 2013.  
164 p. ; 21 cm  
ISBN: 978-85-7772-151-1  
1. Cultura de massa. 2. Comunicação de massa.  
I. Título.

CDU: 659.3

---

*Deneval Siqueira de Azevedo Filho*

# Os bandidos na mesa do café



Vitória,  
2013



“Dedico este livro ao meu querido e saudoso irmão José Renato Siqueira de Azevedo, morto cruelmente em 17 de abril de 2004, em Colatina (ES)”.



## SUMÁRIO

Apresentação	7
Capitu, Seiva de Mutamba e Latão	11
Os bandidos na mesa do café	13
Aonde vamos chegar? Também marcados a ferro em brasa?	17
SIM às armas de fogo no Brasil	21
Por que não “mulheres-bomba” de <i>burka</i> ?	25
“Não dá mais pra segurar... explode coração!” <i>Censura à arte viola a Constituição!</i>	29
A banalização da dignidade humana: simulacro ou simulação? O inumano que comanda os <i>reality-shows</i>	33
A encenca na republicação das charges do profeta Maomé	37
Meus 50 anos 90 anos dele	41
Senhoras e Senhores, apresento-lhes Nuno Ramos	45
A revista <i>Playboy</i> estadunidense elege os 25 romances mais picantes da história	51
O beijo que não aconteceu... A homofobia de clausura	55
Que bobagem! Em lugar do metrossexual, o homem do futuro será <i>übersexual</i>	57
<i>Man in the middle</i> – o soco no estômago da homofobia	61
Aids e Kelly Key – deu no <i>New England Journal of Medicine</i>	65



Aurélia	67
Bruna Surfistinha no <i>The New York Times</i> : mais uma roleta russa da cultura brasileira	71
Carandiru, outro massacre, o ideológico “Demo graças a Deuso e à Democracia”: nada mais equivocado	75
A Universidade Brasileira e o Estado	79
Masculinidades Excluídas	83
O mundo kitsch das <i>drag queens</i> em livro	87
<i>Jardim Gramacho</i> e a bruxa do lixão	91
Jardim do Bumba, Jardim Brasil	93
Crônica de Viagem (II) Vida leva eu...	97
Conversão a mais de uma atmosfera	101
Burrice, não!	105
Os livrinhos que ilustram Machado	107
Perdoem a cara borrada... saudade de muita gente	113
Leio o Brasil comos meus olhos de cão de Hilda Hilst	117
O Coronel, o lobisomem e os arquétipos	121
Tem que pagar o aluguel	125
“CQC” – bichas neonazistas	129
Silêncio, contemplação e escrita	133
O Parque das Felicidades de Bernadette Lyra	137
O Romance histórico contemporâneo	141
O Teatro de Rua	145
Uma experiência de autor	149
As obras pós-modernas	153
<i>Bella Jozef</i>	157

## APRESENTAÇÃO

Estes textos foram publicados inicialmente no espaço chamado *Geometral*, que assinei, às terças-feiras, durante 6 anos, na *Folha Dois*, da *Folha da Manhã*, de Campos dos Goytacazes (RJ), e que circula pelo Norte e Noroeste Fluminenses, Búzios e Região dos Lagos, nos últimos seis anos.

No campo da arquitetura, o termo *geometral* designa aquilo que apresenta as dimensões, formas e posições das partes de uma obra. Assim, o título da coluna foi escolhido em vista do teor das discussões que trago aos leitores do jornal, fazendo sentido dizer que qualquer *geometral*, tomado em sentido metafórico, É UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL, seja ela superior, média ou de massa. Não é difícil distingui-las: o rótulo cultura superior cabe a todos os produtos canonizados pela crítica erudita, como as pinturas do renascimento, as composições de Beethoven, os romances de Proust e Joyce, a arquitetura de Frank Lloyd Wright e todos os seus congêneres. Também não é complicado identificar os produtos da cultura média: são os Mozarts executados em ritmo de *rave*; as pinturas de queimadas na selva que podem ser compradas todos os domingos em feiras públicas de arte; os romances e contos de Rubem Fonseca, etc. Já quando se tenta catalogar os produtos típicos da cultura de massa, a

facilidade não é a mesma. Por quê? Porque, antes de qualquer coisa, há um equívoco em que geralmente se incorre: o fato de a cultura fornecida pelos meios de comunicação de massa (rádio, TV, cinema) vir a ser comparada com a cultura produzida pela literatura ou pelo grande teatro, quando deveria ser relacionada com a cultura proveniente desses outros grandes meios de comunicação de massa que são a moda, os costumes alimentares, a gestualidade, etc.

O contemporâneo é híbrido, sem dúvida, mas deve-se levar sempre em conta a questão do valor (estético, comercial, midiático). Isso porque as formas culturais atravessam as classes sociais com uma intensidade e uma frequência maiores do que se costuma pensar. Maiakovski, por exemplo, sempre acreditou que o povo podia ser um consumidor de arte de experimentação vulgarmente chamada de elite – e acreditou nisso até que a burocracia stanilista levou-o à morte. E a discussão é interminável. Este é o caminho dos meus textos e a minha grande instigação.

Em síntese, a existência de meios de comunicação capazes de colocar uma mensagem ao alcance de grande número de indivíduos (no caso da literatura, o mercado editorial é o *lalau*) não basta para caracterizar a existência de uma indústria cultural e de uma cultura de massa. Igualmente, a indústria cultural é fruto da sociedade industrializada de tipo capitalista liberal. Mais especificamente, porém, a indústria cultural concretiza-se apenas numa segunda fase dessa sociedade, a que pode ser descrita como a do capitalismo de organização (ou monopolista) ou como

sendo a sociedade dita de consumo. É considerada ainda como condição para a existência dessa indústria uma oposição entre a cultura dita superior e a de massa, apesar dos equívocos envolvidos nessa divisão. Um exemplo: quem, no momento, está lendo ou quem já leu *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino? Muita gente sequer ouviu falar. No entanto, *O Código Da Vinci* **está aí**, em promoção na Submarino. Essas discussões são importantes! Uma vez propus, ainda na Unicamp, um Colóquio sobre “valor”. Ninguém topou. Por quê? É muito complexo. Mas é viável. De que forma? Pelo menos, nos artigos e crônicas do *Geometral*, você terá acesso a assuntos que lhe esclarecerão por que as normas sociais devem ser discutidas para a desprodução da alienação e o encorajamento do debate sobre as questões vitais da sociedade pós-moderna por meio das diferentes linguagens, códigos estéticos, ou até mesmo pelo dinamismo próprio da cultura de massa, capaz de gerar efeitos sociais além dos previstos. É comum ainda estabelecer-se uma oposição entre a cultura popular, entendida como a soma dos valores ancestrais de um povo, e a cultura dita *pop*, outra designação da cultura de massa. Os mesmos excessos da cultura superior, diante da de massa, também são encontrados na defesa da popular diante da *pop* e por aí vai. O conto que dá título ao livro é um ataque ao signo aberto da violência impune que adentra nossos lares. Seja de que forma for. Não é bem-vinda!

*Deneval Siqueira de Azevedo Filho*



## Capitu, Seiva de Mutamba e Latão

“Capitu? Quem é Capitu?” (De uma figura que exerce cargo no alto escalão do Ministério da Cultura de Campotacá dos Guaçus).

Pois é. Entre as águas vão rolar, garrafa cheia eu não quero ver... conversávamos eu e Ricardo Carneiro, amigo de longa data, homem das letras e pesquisador das literaturas francófonas, a quem devo a pronúncia correta do romance *L'étranger*, de Albert Camus, além de termos convivido durante longa data, curtindo os anos 70 dourados no Rio de Janeiro e em outras plagas. Não há nada mais sensacional do que sentar, tomar alguns latões geladíssimos, papear e deixar o tempo correr.

Nossa conversa transcorria muito animadamente, lembrávamos alguns episódios da nossa adolescência, falávamos da tradição dos carnavais de Campos e de São João da Barra, além dos desfiles do Rio, de nossas peripécias no teatro, do movimento estudantil, entre outras mazelas da vida. E vai latão! Até que em determinado momento alguém de Campotacá me ligou: “Deneval, você não sabe da maior. Iam fazer um chá beneficente no Palácio das Artes e decidiram que o tema ia ser Capitu. Entusiasmada, a criatura responsável pelo evento beneficente perguntou: Capitu? Quem é Capitu? Não, isso não pode não. Eu não li Capitu!”

Falei pra quem me ligou deixar de brincar com esses vassallos do rei e que, no reino de Dinorah, Deus nunca lhe dará! Imaginem!!! Um responsável pela voz da literatura em Campotacá! Que rei sou eu, minha deusa, para falar dessas incertezas?

Aí chegou a Maria das Graças, serviçal do meu amigo, muito simpática e agradável, perguntando-nos: - Vocês conhecem Seiva de Mutamba? Eu imediatamente respondi para completar o pagode na mistura de textos: - Claro! Era o perfume predileto de Capitu! E ela espantada: - Capitu? Quem é Capitu? Eu não sei quem é não, Seu Ricardo. Vocês estão de gozação comigo.

Gente, mais latão! E aí me lembrei da verdadeira Capitu, a cinderela de Machado de Assis, ou seria sua Branca de Neve? Sei lá, só sei que tinha os olhos de ressaca e que enlutou o coração de Bentinho, *Dom Casmurro*, apelido do protagonista de um dos romances mais bem escritos da literatura brasileira de todos os tempos.

Imaginem se Jorge Luis Borges estivesse vivo... Reescreveria *Ficções* só para incluir um conto chamado "Capitu, Seiva de Mutamba, Pagode e Latão". Sem refrão, seu canastrão rufião! Vê mais latão!... Que tarde ótima! – Por onde andaré este Capituto - perguntou-me o amigo. - Não sei, não. Porque no Palácio tem tanto cantinho!

## Os bandidos na mesa do café

Depois de uma hora de caminhada tranquila, algum tempo sem vir a Campos dos Goytacazes, deixo a orla em direção a minha casa no Caju, onde minhas cadelas, a *sharpei* Queen de la Ricarlos e a *poodle* Sirica Himalaia, aguardavam-me para um passeio pelo quarteirão. Saímos.

Olho para uma edificação baixa de tijolos vermelhos, com uma placa: Rua Teixeira de Melo. Rua em que nasci de parto normal em casa. Nesses momentos de contemplação, saí um pouco do ar, somente voltando ao ouvir o latido da *sharpei*. Invade-me uma vontade de mudar de vida, fazer como o narrador do romance *O Enigma da Chegada*, de V. S. Naipaul, que se retira para o interior e passa apenas a observar e escrever o que está a sua frente.

Sábado, auge da crise de violência em todo o país, comentários sobre a pena dada à Susane e aos irmãos Cravinhos, Lula presidente do Mercosul, bombardeio e terrorismo no Oriente Médio, brasileiros presos no Líbano. Meus pais me aguardando para o café da manhã. Ao café da manhã, comentários sobre os também condenados, porém a 22 anos de cadeia, assassinos do meu irmão José Renato, ou melhor, sentença dada aos dois que ficaram para pagá-la, pois um já houvera se



suicidado na prisão. Ficamos comentando sem muito compreender a vida que nos delega momentos tão plenos de angústia. Comentaram-se a situação no país, crimes, tantos crimes, as contas fantasmas, as entidades fantasmas, as ambulâncias superfaturadas, os desvios de verbas no hospital do câncer. A própria luz do Planalto, arquitetura que atravessa as vidraças e banha os flocos de poeira que flutuam, metonímia/sinédoque deste nosso país que nos torna também fantasmas, dirige o meu olhar para a mancha de iogurte na mesa do café, duvidando se aquilo não é um ectoplasma desses putos homofóbicos enrustidos que pintam o cabelo e beliscam a bunda das secretárias.

Marcola, o líder do PCC, já leu mais livros do que todos eles juntos. Os da minha geração, que tiveram uma base político-militar – não no sentido de terem feito ações armadas, mas por terem curiosidade em relação às leis da guerra –, esses praticamente já saíram de cena. Ou ganharam lugar no Poder. Fiquei surpreso ao ler que um grande nome do Partido Verde alemão, surgido nos anos 60, deixou o governo, está quase aposentado. Lembrei de tantos outros que se voltaram para suas especialidades acadêmicas, dos que morreram, dos que simplesmente deram uma banana para a ideia de transformar o mundo. De certa maneira, foram poupados dessa humilhação que sinto todos os dias ao ver que os bandidos estão triunfando na vida pública, que não só tomaram conta de tudo, mas também tomam café ao riem para você, falam sobre o tempo e reclamam da dureza da vida política. É uma ilusão pensar que o mundo do crime ignora essas variáveis.

O mundo que está ruindo aos meus pés é muito desconcertante, pois leva consigo toda uma forma de pensar a política que nos reduz ao ridículo de quando traz, para dentro de nossos lares, a guerra urbana de São Paulo e do Rio, a revolta nos presídios do Espírito Santo, a vergonhosa situação do nosso parlamento. Sou interrompido pelo carinho de uma das cadelas. Consigo sorrir, apesar da consciência de que o mundo está barrocammente ruindo e nos impõe a humilhação de chamar de Congresso Brasileiro um lugar onde os dirigentes da mesa estão mergulhados num escândalo e nem sequer pedem licença para ser investigados, um lugar onde o corregedor, num ano eleitoral, foi o primeiro a ser multado pela Justiça por fazer propaganda fora de tempo. Numa semana tão importante, talvez não devesse enfatizar minhas frustrações. Acontece que não estou sendo humilhado sozinho, nem o está a pequena parcela de deputados honestos, sem falar nos brasileiros trabalhadores.

Enquanto não se desvendar o elo entre as quadrilhas que queimam ônibus, metralham policiais, fuzilam inocentes e os bandidos que nos cercam, poucos vão sentir a humilhação que sinto. E quando falo de vínculo não me refiro a advogados, emissários ou mesmo um ou outro deputado que possa estar ligado ao crime organizado. Refiro-me ao plano simbólico tão bem expresso na célebre frase carioca: **Tá dominado, tá tudo dominado**. O **tudo dominado** revela-se não apenas em números, mas também em encenações falsas, pequenas omissões, um rígido controle da agenda para que venha à tona o debate dos verdadeiros problemas do país. Os que já foram que nos apontem o

lugar correto no *front* do combate!

## **Aonde vamos chegar? Também marcados a ferro em brasa?**

É literalmente desgostoso e nojento pensar na violência do ser humano para com ele próprio e para com o Outro. Em plena Sexta-Feira da Paixão, segundo fonte da *Folha de São Paulo*, um pipoqueiro de nome Roberto Moura da Silva dos Santos, de 26 anos, foi vítima de mais um desses bandidos ligados a facções da criminalidade carioca. O pipoqueiro conheceu a marca da violência na própria pele. Por recusar o pedido de um traficante, teve as costas queimadas a ferro quente, tendo tido desenhada nelas a sigla *ADA* (Amigos dos Amigos), uma das facções do tráfico que atuam em favelas do Rio, rival do Comando Vermelho e do Terceiro Comando. O ato se deu quando o pipoqueiro Roberto vendia pipoca em frente a uma igreja evangélica na favela do Acari, na zona norte. Foi abordado por um jovem que lhe exigiu um saco de pipocas. Segundo familiares, o pipoqueiro, que tinha combinado dividir a receita da venda das pipocas com o pastor da igreja, recusou-se a entregar o produto. Começou ali seu martírio na Sexta-Feira Santa.

O bandido se afastou, mas voltou com um grupo de rapazes. Enfurecidos, eles golpearam e queimaram Santos com óleo quente usado para a pipoca, e marcaram-lhe as costas com ferro quente. A polícia acredita que são traficantes, mas não sabe de que

facção. Santos conseguiu sair da favela e alcançar a Avenida Brasil (principal via de acesso da zona norte para o centro), onde foi socorrido por policiais e levado ao hospital. Segundo a polícia, ele estava com uma corda no pescoço, indício de que escapou de um final pior. “Ele devia ter entregado a pipoca. Era o mais certo”, afirmou, resignada, a mãe do pipoqueiro, Terezinha, proprietária de uma birosca na favela 48, em Bangu. A 48 é dominada pela ADA. Como Santos é oriundo de lá, pode ter sido identificado com a facção pelos traficantes da favela do Acari, que são do Terceiro Comando. A mãe diz que o filho ficou numa situação muito difícil. Não pode voltar para a favela do Acari, onde morava com a mulher grávida de oito meses, um filho e cinco enteados. Também não pode buscar a proteção da casa da mãe, porque colocaria o restante da família em risco. “Ele vai ter que achar um lugar”, disse ela, que soube pelo rádio que o filho havia sido atacado. Fechou a birosca e foi ao hospital Getúlio Vargas. “Está todo estragado”, resumiu a mãe. Segundo o hospital, ele sofreu queimaduras de 1º, 2º e 3º graus e lesões em várias partes do corpo. Está em uma unidade de terapia semi-intensiva. Santos nunca teve emprego fixo. Segundo a mãe, sempre viveu de biscates. Só tem de seu uma carrocinha. É uma “pessoa calma, de poucos estudos”, diz a mãe. A mãe afirmou que não procurou saber o que aconteceu ao filho na noite de sexta-feira, em Acari. “Não gosto de fazer perguntas”. Medo! O medo é o sentimento mais invasivo que existe. Calam-se de medo!

Estamos todos, brasileiros, já marcados! Pela vergonha nacional da imundície que desce as escadas do Planalto

como larva de vulcão. Agora, marcados a ferro em brasa, seremos um a um, inexoravelmente, entregues a um covil muito mais ardiloso. A corja planeja... escuta... ronda. A corja está aí! Não invadiram a prefeitura do Rio no domingo? Eram bandidos. Mas por que a prefeitura da cidade? Não temos respostas nunca, mas devemos supor, suspeitar e nos defender, porque a coisa vem pelas costas. Credo em cruz!



## SIM às armas de fogo no Brasil

Depois do referendo, a população brasileira respira fundo e aliviada! O governo não lhe retirou o direito de escolher e decidir: **Não ao desarmamento!** Desde a Antiguidade, as armas tomadas em combate viravam símbolo da vitória contra o inimigo. O Brasil chegou a fazer isso na Guerra do Paraguai (1864-870), mas devolveu a maior parte delas na década de 1970, como política de boa vizinhança. A mesma guerra forneceu o acervo para o Exército criar, em 1868, o primeiro museu militar brasileiro. Ficava na atual ilha do Fundão, no Rio, um local de visitação complicada, e acabou extinto em 1908. Outro dado curioso é que, no século 19, era comum pintores colecionarem armas. Para preparar o quadro *A Batalha dos Guararapes*, o catarinense Vitor Meirelles viajou pelo Nordeste fazendo pesquisa e assim iniciou umas das coleções mais importantes do Brasil, hoje exposta no Museu Histórico Nacional, no Rio. Quando se tornaram obsoletos, os canhões coloniais acabaram ganhando outra função: servir de braço de ferro para amarrar barcos nos portos. Dois canhões, hoje no Museu Histórico Nacional, foram desenterrados do mar, onde cumpriam esse papel. Em 1892, um armeiro baiano chamado Athanazio Chuchu inventou uma arma, batizada de mosquet o Chuchu, que foi adotada pela polícia da Bahia – por puro bairrismo, dizem os críticos. A arma não era muito boa, dava um tiro s . Nessa época, o Exército já usava fuzis



de repetição. Colecionadores geralmente concentram sua compilação em um único “tema”. Por exemplo, colecionam apenas armas que usam pólvora preta (com fumaça), ou que tiveram donos ilustres. Há muitos colecionadores no Brasil? Há. Há muitas pessoas que têm armas por prazer de colecioná-las. Outros para sua segurança pessoal. Outros, infelizmente, à margem, planejam o alvo, quase sempre um plano que carrega vítimas inocentes. Este parece ser o senso comum. Ora, se num país onde as pessoas estão expostas e sujeitas aos mais hediondos crimes, a maioria tivesse dito sim ao desarmamento, entraríamos para a história do *non-sense*, pois não há, em toda a história conhecida, um só exemplo de desarmamento que tenha tido resultado positivo, pelo simples fato de que não são as armas que matam pessoas... são as próprias pessoas que matam pessoas! MATAM, ao armarem seus espíritos, ou ao terem seus espíritos armados por outros que incentivam as lutas entre as classes sociais, que roubam do povo seus mais legítimos direitos, a uma vida digna (e a história está cheia de exemplos, desde os tempos bárbaros, passando por Hitler, até os dias de hoje).

Por outro lado, quando cobram por educação e saúde, devolvem escolas de latas com docentes despreparados e menosprezados, um SUS medieval, profissionais com salários aviltados, pois desviam os recursos. Aí, sim, MATAM quando cobram por ruas e estradas em boas condições, e entregam acidentes, mutilações e mortes, pois as verbas foram desviadas para pagar gastos de campanha, de partidos espúrios! MATAM quando cobram por remédios e os deixam faltar nos hospitais, mais uma vez matando prematuramente este mesmo

povo que pagou para poder ser assistido, e *et cetera*. Desta vez, posso dizer que o povo brasileiro não se matou de vergonha. Não cedeu àquilo que lhe poderia tirar o direito de ser cidadão digno. Escolheu para tal ter uma arma em riste!



## Por que não “mulheres-bomba” de *burka* ?

Quem acompanha os conflitos árabes tem noção dos grupos terroristas e da situação do fanatismo religioso islâmico e da ficcionalidade existente na mente dos “mártires”, os tais homens-bomba, a crença pia que Deus lhes reservou um lugar no Paraíso, com virgens maravilhosas a sua espera, blá, blá, blá. É uma questão cultural, acima de qualquer discussão ideológico-religiosa, pois sabemos que tudo isso não passa de lavagem cerebral. Os aiatolás, os Bin Laden não querem nem o Paraíso nem as virgens; pelo menos é o que tudo indica. Estão vivíssimos na Terra.

Dos países árabes, o Iraque tem dividido com o Líbano o espaço em todas as mídias e o que poucos conhecem é a literatura que vem do Iraque, distante e praticamente destruído pela guerra. Dentro de uma vasta programação, a VII Bienal Internacional do Livro do Ceará, que aconteceu entre os dias 18 e 27 de agosto de 2006, em Fortaleza, apostou na aproximação entre o mundo árabe e o Brasil com o tema “Era uma vez... Mil e uma histórias” e trouxe diversos escritores pouco conhecidos do leitor brasileiro. Entre os autores convidados, o poeta e editor iraquiano Khalid Al-Maaly. Al-Maaly nasceu no Iraque, em 1956, mas vive desde 1980 em Colônia, na Alemanha, com a mulher, uma alemã de origem árabe, e dois filhos. Dirige uma

editora especializada na difusão da literatura árabe, traduzindo, para o alemão e o francês, autores como o libanês Rabi Jaber, além da publicação de suas próprias poesias e da tradução de autores ocidentais para a língua árabe.

Estava semana passada ministrando uma Oficina de Criação Literária para alunos de Letras de diversas faculdades no evento IV Semana de Pesquisa em Letras, promovido pelo Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, quando comecei a falar dessa questão, do terrorismo, dos homens-bomba e de questões multiculturais as mais diversas. Citei Stuart Hall e argumentei sobre *A identidade cultural na pós-modernidade*, um de seus livros. **Pra quê?** Uma mocinha meio tímida lançou no ar: “Por que não há mulheres-bomba (há muito coisa que se esconde e há muito o que se esconder por baixo das *burkas* realmente!) com direito a homens virgens, sarados, dispostas a ser recebidas no Paraíso por Alá e se deleitar com os mancebos?” Foi um Deus nos acuda! Aliás, foi maravilhoso! Isso rendeu uma tempestade cerebral que só enriqueceu a Oficina. Burburinhos, risadas, gargalhadas, até que eu arrematei: “podemos falar na possibilidade de uma bicha-bomba! ... Não, toda bicha já é uma bomba por excelência. Bicha não”. Mulher-bomba é melhor! Os saradinhos das “bunitas” são traçados aqui na Terra mesmo! Foi uma galhofa só. Nesse clima de total descontração surgiram vários textos muito criativos, já que o objetivo da Oficina era a criação de uma personagem qualquer e, naturalmente, precisávamos, depois de algumas dicas de Teoria da Literatura, como as questões de valor estético,

representação, etc., de um *boom* para o início da catarse.

Assim, além de um texto em que a mulher-bomba realmente explode de forma espetacular, surgiram ainda muitos outros, com o da Sta. L, A Senhorita Laquê, muito ambíguo e contemporâneo, de uma organização cômica genial, também como a criação de personagens mais intimistas, dando, no todo, muito certo, já que criar e escrever dói muito. Saí daquele ateliê muito satisfeito com o resultado e fui para casa. Não conseguia dormir pensando na questão das mulheres-bomba mulçumanas. Por que elas não creem que também têm direito a bofes lindíssimos no Paraíso e se escondem? Certamente porque assim como as “bunitas” preferem tê-los aqui na Terra, mesmo que para isso tenham que se submeter a velar o rosto e o corpo. Não seria esse comportamento muito conveniente para elas? Afinal, estão num heterofalocrático patriarcado, ou será que aquelas vestes negras têm um poder que jamais será revelado? Mulher-bomba... tá bom, fica combinado assim! A verdade é que, miseravelmente, as mulheres de *burka* encolhem-se externamente, cobrem-se com o véu da vergonha de não ser homem...



**“Não dá mais pra segurar...  
explode coração!” *Censura à arte  
viola a Constituição!***

Relutei, pensei, li a respeito, enfim, não deu pra segurar. Eu também fui tratado aos rés do chão à época da censura “militaresca-bombardial”: lembrando, no final da década de 60, editava, no antigo Cefet/Campos, um jornal chamado *Rota Gigante*, seguidor da ideologia da UNE, “estudante” engajado, diretor de grêmio... *whatever!* Não é que embaasbacado vejo não somente o fantasma, mas a censura literalmente voltar e falar pra nós brasucada: “olha aí, olha aí!” Por que estou delirando? Não é delírio, não! É a história do terço na exposição do Banco do Brasil entre muitas outras que a mídia não divulgou ainda. Presto-me agora, pelo menos, para falar desta. Eis, aí, eis aí!: o ministro da Cultura, Gilberto Gil, disse em uma nota que o Banco do Brasil violou a Constituição ao decidir retirar o trabalho “Desenhando com Terços”, de Márcia X (1959-2005), da mostra “Erótica – Os Sentidos da Arte”, em cartaz no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) do Rio.

A obra censurada pela direção do Banco do Brasil mostra dois pênis feitos com terços religiosos. Um trecho da nota do ministro diz o seguinte: “Segundo a Constituição brasileira, é ‘livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença’. Por isso,



não pode haver mais em nosso país nenhum tipo de interdição a obras de arte e a outras formas de expressão”. Interessante é que a exposição foi vista por 56 mil pessoas em São Paulo, sem qualquer tipo de incidente. São Paulo é outro país?

O ministro emitiu a nota após um questionamento da *Folha de São Paulo*, que queria saber o que Gil (lembram, os meus, ou, os meus da minha época, do Gil tropicália/tropicalismo? Outra coisa, né não?) achara da decisão do BB de **retirar** a obra da exposição: “Toda censura é inaceitável. Os critérios para seleção de obras exibidas numa exposição devem ser de natureza estética, sob a responsabilidade de curadores ou de quem for designado para a tarefa”, afirmou o Gillll Gillll! (Meu nome é Gaallll Gaaaallllluuummm!). Acrescento, da entrevista: “Acreditamos na capacidade de discernimento crítico dos espectadores e do público em geral. Assim como acreditamos que toda tutela na relação entre obra de arte e espectador é inaceitável.” Revoltadíssimo!!!! Estou. Adolescente (graças ÀQUELE!) encontro-me! Gil diz esperar que o Banco do Brasil reveja sua decisão “em nome da liberdade garantida por lei”. Antes dele, o presidente da Funarte, Antonio Grassi, já havia antecipado a crítica à decisão do BB de censurar o trabalho de Márcia X. “Decisão corporativa”. A assessoria do BB afirmou que a direção do banco estatal respeitava a posição do ministro, mas que não comentaria a nota por enquanto. Depois, diretores do banco se reuniram com a produtora de “Erótica”, Maria Ignez Mantovani Franco, para decidir o que fazer com a próxima etapa da mostra, em Brasília, que será inaugurada no próximo dia 15,

se o cronograma não for alterado. Os integrantes da **Opus Christi** (+, aliás == cruzes!) querem que a obra também seja excluída da exposição em Brasília. É que a direção do Banco do Brasil decidiu retirar o trabalho da exposição “Erótica” depois de receber cerca de 800 e-mails de uma corrente dirigida pelo grupo **católico** Opus Christi, segundo a assessoria do banco. Pode? ...odem? Claro que não!

Holocausto, né não? Do qual fui vítima um dia, graças a ELE, porque, do contrário, eu estaria sofrendo como bancário, por causa de censuras, é claro. Ah!... E também oco! Já pensaram? ELE que me livre!



## **A banalização da dignidade humana: simulacro ou simulação? O inumano que comanda os *reality-shows***

Os *reality-shows* são verdadeiros campos de concentração pós-modernos, onde tortura e felicidade permutam-se e lutam por um espaço junto ao público telespectador. Um absurdo! A dignidade humana é posta em xeque, quando dois rapazes são alvos de uma atitude, pelo menos, irracional e inconsequente, por parte da produção do programa *Big Brother Brasil 7*, na tal prova do líder, iniciada no dia 08/03/2007, estendendo-se por 21 horas até o dia 09/03/2007: “A prova do líder começou às 22h45 desta quinta (8). Os concorrentes deveriam ficar presos em uma jaula de 2 metros quadrados montada no jardim. Eles não podiam sentar, ficar de joelhos, nem fazer qualquer necessidade fisiológica. Também estavam proibidos de receber ajuda dos companheiros desistentes. O último a deixar a jaula se tornaria o líder da semana. A primeira a abandonar a disputa foi Fani, que deixou a jaula com menos de uma hora de prova. Perto de 0h30, Analy e Carol desistem juntas da competição. A madrugada passa com quatro competidores persistentes, mas, após 10 horas de competição, o cansaço vence Bruna. É só a catarinense sair para que se inicie um bate-boca entre Alberto, Airton e Alemão. O trio lava a roupa suja das últimas semanas: o assunto é, obviamente, a perseguição contra o triângulo e o paredão que

eliminou Íris da disputa pelo prêmio. Mais tarde, ao meio-dia, Airton desiste de ficar sob o sol forte e abandona a prova. O carioca se desculpa com a família a cai no choro dentro da casa. Daí em diante, a disputa ficaria entre os dois grandes rivais, Caubói e Alemão, que intercalaram momentos de provocação, silêncio e apoio mútuo. A resistência dos competidores foi minada pelo sol forte e pela desidratação. A dupla recebeu atendimento médico no final da tarde, que lhes deu uma bebida isotônica. Contrariando a orientação médica, Alemão ingeriu muito rapidamente o líquido, o que gerou um grande mal-estar e sua consequente eliminação da prova.” (UOL: <http://televisão.uol.com.br/bb7>, acessado em 10/03/2007, às 10h)

Ora, se todos que participam de um *reality-show* têm como meta ganhar alguma coisa, seja dinheiro (no caso do BBB7, R\$ 1.000.000,00 “um milhão de reais! “ hoje, a versão do BBB11 já paga R\$ 1.500.000,00), ou outros bens de consumo, móveis ou imóveis, o fato real é que se submetem aos critérios de uma disputa que ultrapassam a ética, a moral e *et caterva*. Neste caso do BBB7, chegamos às vias de uma atitude trevosa e medieval de fato, neste episódio da torre, cristalizada pelo tresloucado desejo dos *brothers* e *sisters* de conseguir mais do que o dinheiro “ o tal sucesso midiático, apresentando-se, mesmo que eliminados, em programas de TV, recebendo convites para comerciais e até mesmo posando para revistas eróticas. É um valeduto que inumana todos os valores da condição de ser e estar no mundo, suscitando a violência obscena à cultura, tanto pelo teor literal e fantasiosamente massivo de tais “pulsões” quanto pela satisfação

sadomasoquista provocada nos observadores externos que assistem ao programa: ao povão pão, circo e (des)culturalização!

Com uma receita recheada de diferenças e desigualdades, o programa une os seus participantes quando fortalece a ideia de que foram elevados a um olimpo, eliminando, portanto, o lado saudável da diferença, paradoxalmente alimentando-os e às suas emoções de próteses ciborgueanas tais como desenvolver no confinamento dos participantes uma capacidade, muito competentemente produzida, apesar de banal, de eles refletirem características mais gerais da sociedade pós-industrial: são apresentados ao público não meramente como indivíduos emocionalmente deficientes, mas como arquétipos representativos de uma sociedade profundamente ressentida e iconoclastica. Nesse sentido, as mulheres contrastam com perfis que vão do caipirismo globalizado ao estilo mais fino-fissilingue venoso da mulher independente e autossuficiente que vem ascendendo no primeiro mundo desde a década de 50 do século XX. Neste programa, a condição feminina nunca foi tão manipulada e espoliada. Procuram sobreviver – é o que me parece – ajudando-se mutuamente até onde o conflito de interesses permite.

Ao questionar as demarcações do humano, assim como as características dos participantes (tive que ler mais de 30 artigos e reportagens sobre os *reality-shows*) e o inferno social onde estão confinados, vejo que não há saída. É uma *one-way* de cunho distópico (construída ainda sob as anacrônicas raízes das utopias modernas de aquisição do conforto e do sucesso), em que a

tradição moderna das utopias feministas é posta abaixo de zero. Em relação aos homens, acabam aniquilados pelo sistema, pois, para eles, também, o BBB7 deixa, todo o tempo, abertas as portas para o sonho utópico. Com direito a massacre moral, marcas a ferro e fogo naquilo que querem fazer crer ser uma família: no mínimo, bizarra!

A produção do programa desempenha uma competência quando oculta os bastidores dos bastidores. O episódio 21 horas na torre parece que começa a fazer a *cazuela* – ver as coisas de outra maneira. No entanto, a resistência dessa mistura está nesse prato cheio de barbárie. Em um momento em que o mundo começa a se ver sob outra perspectiva, enxergando-se com os olhos do outro gênero, de outra raça e de outra classe social, é absolutamente intragável assistir ao vômito e sentir o fedor de duas criaturas em estado literalmente subumano, expostas ao público que interage e, pior, os “bastardos riem”, se divertem e aceitam participar do engodo!

## A encenra na republicação das charges do profeta Maomé

1. Segundo fonte da BBC de Londres, o jornal francês *France-Soir* republicou, na quarta-feira passada, uma série de caricaturas de Maomé que sugerem ser o profeta islâmico um terrorista. Os desenhos já haviam sido publicados por um diário dinamarquês e causaram revolta entre os muçulmanos. Com a manchete “Temos o direito de fazer caricaturas de Deus”, o *France-Soir* dedicou boa parte de sua primeira página a uma das charges, que retrata quatro deuses (budista, judaico, cristão e muçulmano) ao redor de uma nuvem. O deus cristão diz: “Não reclame, Muhammad (Maomé), nós todos tivemos nossas caricaturas publicadas aqui”. As outras foram publicadas dentro do jornal, que diz que nenhum dogma religioso deve se impor em uma sociedade secular. Eis a questão!

O fundamentalismo **islâmico** e seus grupos radicais têm gerado muitas polêmicas. Aliás, tantas a ponto de terem o seu próprio profeta caricaturado. É claro que o fato de outros deuses terem sido caricaturados também pode ser uma estratégia do chargista para colocar no mesmo patamar o fanatismo religioso dessas crenças. Na terça-feira, os escritórios do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, o primeiro a publicar os desenhos em setembro de 2005, tiveram de ser evacuados devido a uma ameaça de bomba. Este é o paradoxo. Pregam a violência subversiva e aberta em nome de um



Deus! Apesar de o jornal dinamarquês dizer que não teve intenção de insultar o Islã, que proíbe qualquer representação física tanto do profeta Maomé como de Alá, devido à publicação dos desenhos, a Líbia disse estar fechando sua embaixada na Dinamarca, e a Arábia Saudita chamou de volta ao país o seu embaixador. O governo dinamarquês lamentou as 12 caricaturas, mas recusou se envolver, citando liberdade de expressão. Certíssimo! A eles, desenhos-bomba! Por quê? Como bem situa Raul Castagnino, uma das funções da arte (a boa charge é arte, não é mesmo?) é a função pragmática ou social, ou seja, servir à sociedade como um todo, despertando nas pessoas uma visão crítica do mundo para que elas se tornem agentes modificadores de situações perigosas para si próprias. Pois bem, os grupos terroristas matam por um ideal utópico de felicidade pós-morte, pela crença de uma Pasárgada imbecil, retardada e, ainda pior, por uma visão vesga do paraíso que lhes oferece virgens veladas e um assento ao lado de Alá. O que fizeram com estes homens e mulheres, meu DEUS?

2. Eis outra boa questão: DEUS. Aquele que está lá no fundo de nós quando precisamos dele, não é mesmo? Nenhuma charada, nenhuma dúvida: **quando precisamos DELE!** Não importa o NOME que ele tem. ELE está lá. Hilda Hilst, a maior escritora brasileira de todos os tempos, levou sua vida inteira buscando o seu Deus, AQUELE, o SEM NOME, o PORCO-MENINO e acabou por definir-lhe como “uma superfície de gelo ancorada no riso” (*Com os meus olhos de cão e outras novelas*). Mas afinal essa busca constante de DEUS não deveria estar no nosso interior? Então por que temos

que buscá-lo no inferno dos outros? Que se evacuem todos os DEUSES de cera, os falsos profetas, os loucos religiosos, as medusas pós-modernas, o pesadelo dos santos protetores das causas neo-quaisquer... E que fique a vontade de cada um de lutar pela humanidade perdida no tiroteio inútil das ideologias fundamentalistas. Por sinal, hoje (dia da escrita desta coluna), 2 de fevereiro, é dia de Iemanjá, Odo-ia! Flores são bem-idas à beira-mar. Sem fundamentalismos, admirando a imensidão do mar, Iemanjá seleodô babaoromiô – Iemanjá eleissaéo babaoromiô! – Iemanjá seleodô babaoromiô Iemanjá eleissaéo babaoromiô.



## Meus 50 anos 90 anos dele

Meu. **Dele.** Nosso. Do narrador (de) Gabriel García Márquez no *Memória de minhas putas tristes* (Record, 2005), que leio após dez anos de espreita e espera de alguma coisa do Prêmio Nobel em Literatura. Sendo um hino de louvor à vida e, por extensão a Eros, ao amor, e à celebração dionisíaca, o velho jornalista de 90 anos, protagonista de uma narrativa de memórias que são, em sua essência, a perambulação de bordel em bordel de um noventão, sempre um fujão do amor, que se vê enamorado por uma ninfeta encomendada. É aí que, ao sentir nas feridas o consolo de não mais sentir dor na coluna ou “no rabo”, humaniza-se. Borda a ouro o amor quando diz: “tomei consciência de que a força invencível que impulsionou o mundo não foram os amores felizes e sim os contrariados (...) abri meu coração às delícias do acaso”.

A narrativa fluida vai invadindo, em silêncio, o leitor... mais ainda, eu, leitor, que aos cinquenta celebra a vida num arriscado caso de amor. Que resolve reler a cultura grega para trazer as reminiscências de Sócrates, o amor na aprendizagem filosófica, ou lembrar das palavras de Aristófanes, em *O Banquete*, de Platão.

Você que me lê sabe do que estou falando! *Animal Planet/Discovery/Coragem, o cão covarde*. Mas a verdade (a minha e a do narrador de Gabriel) é que eu não

pondero ao saber das minhas fortalezas diante de amar. Márquez “não agüentava minha alma e começava a tomar consciência da velhice pelas minhas fraquezas diante do amor”. A prova dramática de seu amor (**Dele**, Do narrador) está num fato bestial: ir comprar uma bicicleta para dar de presente à amada e, numa felicidade contumaz, deu umas voltas para a experimentar. Metáfora pura do “estou vivo”. Sou “manero”. Um garotão. Apesar de ter fama na cama, o cara-narrador tinha noventa!

Achei muito interessante (uma coisa que nunca me atormentou e talvez a partir de agora me atormente) o fato de um dia ter que morrer. Ou ainda mais, a morte ser, destarte, o último aniversário de cada um. Até porque as pessoas a celebram muito! Chega um tempo quando chorar de alegria ou rir de nervoso são a mesma coisa. Digo isso porque GGM é muito rico na metáfora da idade. O noventão fala que “A certeza de ser mortal, em todo o caso, me havia surpreendido pouco antes dos cinquenta anos (...) numa noite de carnaval em que dançava um tango apache...” E que desde então começou a medir a idade pelas décadas. ENLOUQUECI! (eu leitor!): “A dos cinqüenta havia sido decisiva porque tomei consciência de que quase todo mundo era mais moço que eu”; “A dos sessenta foi a mais intensa pela suspeita de que já não me sobrava tempo para me enganar”; “A dos setenta foi temível por uma certa possibilidade de que fosse a última...”; “80”; “90...”

Acredito, como este narrador, que me tornei lágrima fácil. Qualquer sentimento que tem a ver com ternura

me causa um nó na garganta que nem sempre consigo dominar! E aí entra a história da Lanigona (aquela QUE NÃO TEM HISTÓRIA, VIVE NO ESPAÇO NO NÃO REAL, OU NO NÃO ESPAÇO DO REAL) inventando ficções, a priori, meio *kitsch*, e como o *kitsch* não é só um pinguim em cima da geladeira, a falta de amor ou o sem amor tornam-se hologramas da infâmia, do calote e da injúria.

Pode ter dez cachorros, mas não pode ser burra, não! Lanigona, leia *Memórias de minhas putas tristes*... Quem sabe, por década, você dá conta dos seus setenta! **Dele:** “Que ninguém se engane, não, pensando que o que espera haverá de durar mais do que durou o que viu”.



## Senhoras e Senhores, apresento-lhes Nuno Ramos

A primeira vez que ouvi falar sobre a obra de Nuno Ramos foi há uns três anos, em 2006, quando Vilma Arêas veio a Campos dar uma palestra na Academia Campista de Letras e a mim foi designada a honrosa tarefa de apresentá-la ao público que lá estava presente. Assistimos a um vídeo e ouvimos atentamente Vilma falar com muito entusiasmo sobre a instalação do artista no Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo na comemoração dos seus três anos de existência. Em se tratando de Vilma Arêas (minha digníssima orientadora no Mestrado que cursei na Unicamp e hoje queridíssima amiga – campista ilustre e generosa!) agucei os ouvidos e a partir dali passei a procurar mais sobre o Nuno Ramos. À época Vilma falou da expo “Morte das Casas”, inspirada no poema “Morte das Casas de Ouro Preto”, de Carlos Drummond de Andrade.

Na palestra, ouvimos sobre a peculiar arquitetura do prédio do CCBB São Paulo, sobre a paixão do artista pela Literatura e sua constante busca por uma “contradição pacificadora entre materiais” como os principais pilares que moveram o artista plástico, escritor e cineasta a criar aquilo que, mostrado a nós por uma especial leitura de Vilma, me fez iniciar um itinerário interessante e cheio de surpresas agradáveis na viagem pela obra do



pouco ou nada conhecido entre nós campistas. Nuno Ramos fez chover no hall do CCBB. A água caía da claraboia do prédio, a mais de 20 metros de altura, e inundava a área rebaixada da entrada do CCBB. E, enquanto o visitante se deparava com essa imagem contraditória (chuva dentro de um lugar com teto), vozes masculinas gravadas declamavam os versos do poema de Drummond. A questão da incoerência que surpreende por seu caráter estranho, recorrente em toda a obra do artista e abordada na peça de abertura da exposição do CCBB, também foi trabalhada nas outras três instalações da mostra.

Bem, continuei a manter um contato de busca e apreensão nas leituras sobre a obra do tão premiado, nacional e internacionalmente, Nuno Ramos. Trocamos alguns e-mails. Recentemente ele expôs em Vitória, inaugurando o espaço da Galeria Matias Brotas (a primeira grande coincidência, pois já havia pensado em convidá-lo para um evento que estou organizando na Ufes em novembro (2006), enfim...)

As contradições são o grande “barato” de sua obra no todo. Com a marcante presença da palavra, o fundo literário parece ser o maior sintoma de sua paixão pela literatura. Não que não tenha passado por ela. Já publicou artigos e ensaios em jornais e revistas, além de três livros com o selo da Editora 34: *Cujo*, *O Pão do Corvo* e *Balada* – este último um objeto composto de 900 páginas em branco, perfuradas por uma bala de revólver que ainda se encontra alojada dentro do livro.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Nuno Ramos é hoje um escritor premiado. Depois de *Balada* publicou *Ó*, pela Iluminuras, que lhe valeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

Agora (17/08), destaque nos principais jornais do país, Nuno nos apresenta seu filme “Iluminai os Terreiros”, dele e de Eduardo Climachuska. Trabalho bastante radical, aliás, marca registrada do artista: “A metáfora é tão plena que chega a não ser mais metafórica; ela é literal. Chegamos ao caso máximo da representação, em que quase nada mais se representa. Iluminai os terreiros fica sendo então: iluminai os terreiros”, afirma o crítico Noemi Jaffe sobre o filme, aludindo ao conceito de “metáfora total”, do crítico canadense Northrope Frye. O filme acontece quase que inteiramente como o processo, e o trabalho literal (no sentido de esforço) de iluminar uma circunferência de terra. É o barulho de máquinas, a terra seca e feia, os caminhões passando, o frio, o cinza da madrugada, furar a terra, espalhar pó, levantar com muito esforço os postes de madeira, riscar a circunferência, ligar as luzes. Praticamente não há diálogos. Só barulho, espessura, peso, sujeira e a luz – branca, forte e terrivelmente artificial, em nada lembrando as estrelas. O filme, aliás, é uma espécie de elogio ao artifício, à arte como máquina, ação e trabalho. O tempo todo é como se fosse o ensaio de um filme. O espectador, extenuado, se pergunta: “mas quando isso vai começar?”. E não começa. O filme é isso mesmo, sempre um ensaio; é a dificuldade, a imensidão da tarefa de só fazer.

Em um dado momento, uma velha parada olha para a câmera. Em outro, dois homens cantam e falam. Uma voz grita: “Chega!” São belos ou ridículos? São as duas coisas. Tanta luz transforma tudo em beleza e em feiúra. A crítica e mesmo o observador mais naïf percebem que nos trabalhos de Nuno Ramos há mesmo pouca

“elegância”. O fragmentário “manimal” se esparrama bem a gosto das tendências pós-modernas. Quase tudo é grande, difícil, pesado e feio. “É o desafio da briga com o mundo, com as coisas que resistem, com os amores que nunca dão certo, com as perguntas sem resposta”, pontuou Jaffe. Ao final, Eduardo Climachauska arrasta, empurra, carrega um poste de luz através de um túnel vazio e arrasado. É um Cristo moderno carregando sua cruz de luz por um espaço ermo e destruído. E por quê? Provavelmente para nada. Se a canção original, de Assis Valente, exortava o Brasil a iluminar seus terreiros como uma chance de encontro consigo, neste filme o terreiro se ilumina, apesar de não se poder supor o que se encontra.

## A revista *Playboy* estadunidense elege os 25 romances mais picantes da história

Em maio de 2006, a revista *Playboy* estadunidense elegeu as 25 obras mais eróticas da história da literatura. Segundo o portal da revista, a ideia é resgatar “o verdadeiro poder da tinta e do papel de abalar nossas mentes num mundo bombardeado por imagens sexualizadas”. O *ranking* é encabeçado pelo autor britânico John Cleland, com *Memórias de uma Mulher de Prazer – Fanny Hill*. Trata-se de um clássico da literatura do século 18 que conta a história de uma prostituta que ascende socialmente e se torna respeitada em seu meio.

Em segundo lugar está o conhecido e lidíssimo *O Amante de Lady Chatterly*, de D. H. Lawrence (1928), e Henry Miller aparece na terceira colocação, com *Trópico de Câncer*, primeiro livro da trilogia pós-guerra do autor, que escreveu ainda *Trópico de Capricórnio* e *Plexus*, relato fiel de uma vida devassa, contada com extrema crueza, mas também com o lirismo de um grande poeta. Polêmico, Miller foi censurado em muitos países e considerado “pornográfico” por seus contemporâneos. São suas as palavras: “Sou um bandido do amor, um matador insaciável!” Na sua autobiografia considerada “maldita”, ele retrata o que há de mais sincero e profundo no ser humano, com ênfase na atividade sexual. Para o autor, fome e sexo são como duas serpentes, em combate mortal, a fim de

reproduzir os desejos da carne.

Surpreendentemente, *Lolita*, do escritor russo Vladimir Nabokov, ficou com a 11<sup>a</sup> posição, uma obra conhecida mundialmente, traduzida para inúmeros idiomas e que se tornou filme canônico da bilheteria erótica. A obra criou a imagem da ninfeta, personagem que persegue e é perseguida pelo protagonista da história.

A lista deixa de fora escritores tidos como precursores deste tipo de literatura, como Proust e Sade; o famoso anônimo do século 18, *Teresa Filósofa* – leitura imperdível e também um clássico libertino – também ficou de fora. Porém a lista abre espaço para novos nomes, como o do japonês Haruki Murakami e da britânica Helen Walsh, além de incluir o fantástico *História do Olho*, de George Bataille, também autor de *O Ânus Solar*.

Este é o *ranking*:

1. *Memórias de uma Mulher de Prazer - Fanny Hill*, de J. Cleland (1748-49);
2. *O Amante de Lady Chatterly*, de D. H. Lawrence (1928);
3. *Trópico de Câncer*, de Henry Miller (1934);
4. *História de O*, de Pauline Reage (1954);
5. *Crash*, de J. G. Ballard (1973);
6. *Entrevista com o Vampiro*, de Anne Rice (1976);
7. *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth (1969);
8. *O Mago*, de John Fowles (1965);
9. *The Wind-Up Bird Chronicle*, de Haruki Murakami (1995);
10. *Amor Sem Fim*, de Scott Spencer (1979);
11. *Lolita*, de Vladimir Nabokov (1955);
12. *Carrie's Story*, de Molly Weatherfield (1995);
13. *Medo de Voar*, de Erica Jong (1973);
14. *Peyton Place*, de Grace Metalious (1956);
15. *História do Olho*, de Georges Bataille (1928);
16. *O Fim de Alice*, de A. M. Homes (1996);
17. *Vox*, de Nicholson

Baker (1992); 18. *Rapture*, de Susan Minot (2002); 19. *Prazeres Singulares*, de Harry Mathews (1983); 20. *Em Carne Viva*, de Susanna Moore (1995); 21. *Brass*, de Helen Walsh (2004); 22. *Candy*, de Terry Southern and Mason Hoffenberg (1958); 23. *Forever*, by Judy Blume (1975); 24. *Um Sonho Americano*, de Norman Mailer (1965) e 25. *O Carpetbaggers*, de Harold Robbins (1961).

Não sei qual foi o critério usado, em se tratando de valor estético/erótico, ou valor de troca. Pena não terem lido *O Caderno Rosa de Lory Lamb*, de Hilda Hilst, autora brasileira. Certamente estaria entre os 25.



## O beijo que não aconteceu... A homofobia de clausura

Não se falou a respeito de outra coisa ao final da novela *América*, exibida pela Rede Globo, em seu horário nobre: o beijo *gay* que não aconteceu. Amores homoeróticos nunca foram objeto de indiferença na tradição ocidental. No Brasil, sempre houve uma simpatia gaiata pela causa *gay*, nem séria nem comprometida com a luta pela liberdade, mas simpatizante (palavra que esconde forte teor de hipocrisia e enrustimento). Podemos chamar a TV Globo de simpatizante depois da censura ao beijo *gay* na novela das oito? Claro! Nada mais estratégico para o horário: criar a expectativa e frustrá-la em nome de uma política homofóbica de clausura.

*Nowadays*, essa política não faz sentido. Depois da *gay lib*, da descoberta do vírus HIV e do coquetel para neutralizá-lo, época das uniões mais estáveis, personagens que marcaram a história do homoerotismo e da homoafetividade, como Michelangelo, Oscar Wilde, Virginia Woolf, Michel Foucault, Jean Genet, James Baldwin, Willa Cather, Errol Flynn, Walt Whitman, Bessie Smith, John Travolta, Ziembinsky, Zumbi dos Palmares, Cazusa, Renato Russo e tantos outros, incluindo o famoso episódio do Bar Stonewall em Nova Iorque, estão aí para mostrar que sempre houve e sempre haverá um lugar marcado para esse tipo de opção afetiva. Não há nem Globo, nem OAB, nem CNBB. Apesar de a homofobia estar à solta ainda,



pós-dandees, drags, travestis, transexuais, *transgender*s, *drag-kings* e todo esse farrancho de “solteiros” com condição homoerótica beijam! E beijam muito!

A Globo, ao censurar o que estava sendo tão aguardado pelos também “simpatizantes”, pelas tribos *mix* e pelos próprios *gays*, não somente carnavalizou a relação afetiva das duas personagens como também fez vir à tona uma forte crítica-pastiche à heterossexualidade de sacristia, oficiosa-oficial. De que modo? Parece ter a CNBB (A Igreja Católica Apostólica Romana) uma posição bem radical antigay e a emissora alega já ter contemplado o tema várias vezes “sem preconceito”. Não nos esqueçamos todavia de que a TV Globo morre de medo da Igreja. Esquecem-se, porém, do livre arbítrio.

Só para dar o tom de “tá boa, santa”? Um tal Frei Lucas de Souza era tão efeminado que dizia a seus amantes que era mulher; um tal Padre Pedro Furtado, a “Dona Paula de Lisboa”, liderava uma tribo que misticamente acreditava ser o ânus um “vaso de mulher”.

Ora! Não se precisa de reconhecimento dos veículos de comunicação de massa do direito seguro ao homoerotismo e ao beijo consequente da afetividade entre pessoas do mesmo sexo. Ora bolas! Ora bocas!

## Que bobagem! “Em lugar do metrossexual, o homem do futuro será *übersexual*”

De acordo com Marian Salzman, Ira Matathia e Ann O’Reilly, verdadeiros “gurus” do setor publicitário e autores do livro *The Future of Men* (O futuro dos homens), lançado recentemente nos Estados Unidos, o metrossexual, conceito criado em 1994 pelo escritor inglês Mark Simpson, compatriota do jogador David Beckham, maior representante do conceito do estilo de homens que usam cremes, roupas e acessórios femininos, se depilam e fazem as unhas. Passou a moda! Os autores que inventaram o termo metrossexual defendem em seu novo livro que o “homem” que se depila será substituído como modelo masculino pelo *übersexual*, mais próximo ao homem tradicional. Tudo especulação! Apenas dois anos depois de polemizar e popularizar o termo metrossexual, os autores propõem agora esse outro modelo de homem para definir a nova tendência de masculinidade. Ora, masculinidade! Não passam de estereótipos velhos (e esse é o grande perigo, não são antigos, são velhos!) os nomes dos supostamente “novos homens”, que se aproximam de gentes como Bono, George Clooney, Bill Clinton e o governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, cujas imagens, dizem os autores, são muito mais clássicas. Não consigo ver Classicismo algum em Schwarzenegger, tampouco em Bill Clinton, um caipirão americano, bastante retroflexo ainda por cima.

Segundo o *Urban Dictionary*, que reúne expressões e termos coloquiais, *über* significa *acima* em alemão, e seu equivalente em inglês seria *super*. Super-homem novamente não! Arianos muito menos! Os autores não chegam a mencionar uma intensa atividade sexual do *übersexual*, mas a recuperação de uma certa masculinidade que, na opinião dos escritores, se perdera nos últimos anos. Assim, o *übersexual* será aquele que confia em si mesmo sem se tornar detestável, tem um aspecto masculino, possui estilo e está determinado a alcançar os mais altos níveis de qualidade em todas as áreas de sua vida. O homem do futuro “é apaixonado por seus interesses e relações”, disse Matathia. Para ser assim, o *übersexual* tem seus sentidos bem abertos a todos os estímulos que recebe. “É apaixonado por fazer e ser o que lhe parece natural, e o que o faz sentir bem, em lugar daquilo que outros pensam que deveria fazer ou ser”. Para os autores, o novo perfil de “homem” não representa uma mudança drástica em relação ao metrossexual, pois ele também se preocupa com imagem pessoal e vai às compras, mas sem ar narcisista e egocêntrico. “Na nossa perspectiva, estes homens são os mais atraentes, dinâmicos e encantadores de suas gerações”, dizem os autores sobre os novos modelos famosos a serem seguidos, apontando paradoxalmente para os nomes do ator Brad Pitt e do milionário Donald Trump. Os autores afirmam que seu livro, onde abordam outros aspectos sobre o homem do século XXI e sobre como ele se relaciona com sua companheira, filhos e amigos, não pretende ser um manual para que os anunciantes orientem melhor seus produtos. Ao contrário, ressaltam que a obra é uma perspectiva ampla que

ajudará a entender como este “homem” dos países mais desenvolvidos se diferencia de seus antecessores, assim como os desafios e tendências que enfrenta. Talvez esse estudo traga algumas dúvidas àqueles que nos últimos anos se esforçaram para adotar o estilo metrosexual e destinaram parte de seus salários a cosméticos e tratamentos de beleza. Todavia, como muitos “homens” resistiram à depilação, manicures e tratamentos de beleza, talvez substituir o estilo Beckham pelo de Clooney não seja tão difícil!!!



## *Man in the middle* – o soco no estômago da homofobia

Justamente na semana quando o primeiro atleta da NBA (liga americana de basquete), o britânico John Amaechi, assumiu ser gay, causando um *boom* na direita conservadora estadunidense e no puritanismo hipócrita dos treinadores (*coaches*) e do religioso povo *pilgrim & puritan*, passando a ser hostilizado por vários segmentos da sociedade, fui apresentado a um grandão esperto e gaiato de Gana, machão e homofóbico, que me jogou na cara a frase totalmente ambígua: “I don’t support gay people!”. O verbo, no caso “to support”, tanto pode significar “dar apoio” como “suportar”, “gostar”. De qualquer forma, a ambiguidade do termo só veio reforçar a ideia de gayfobia do camarada que só queria falar de futebol, da Copa do Mundo e de Ronaldinho. Após ter lido o sensacional *Man in the Middle* (“Homem no Meio”, em tradução literal), no qual Amaechi faz o seu *outing*, fiquei bastante irritado com todo aquele papo sem graça do cara de Gana. Ele falou mal do jogador de basquete, falou que negro que se preza procura é mulher. Não rebati que sabia como as mulheres são tratadas em Gana, etc. Enfim, consumista deslumbrado, se embrenhou num inferninho de *strippers*. Quase me senti vitimizado por ele, não fosse eu mesmo um defensor da diversidade sexual total, geral e irrestrita. Não sou heterofóbico. Além de ser um estudioso das diferenças, o que implica respeitar o ser humano seja ele de qualquer raça, etnia, gênero, credo

e assim toca a banda *nowadays*. Portanto, fiquei calado. Sentia-me vitorioso nesse país de gente muito dentro do armário ainda. (ES)Gana! Ex-Gana!

Voltei ao livro e, na bela autobiografia, John Amaechi sai do armário e fala sobre os bastidores da NBA, onde os atletas são, em sua maioria, negros e se declaram heterossexuais. Com o livro autobiográfico *Man in the Middle*, 36 anos e 2,08m de altura, o inglês John Amaechi é o primeiro atleta na história da liga nacional de basquete a assumir que é gay. Lançado pela editora *ESPN Books*, o livro de Amaechi, que chegou às livrarias daqui no dia 14/02/2007, conta como é ser gay convivendo e jogando ao lado de inúmeros outros jogadores radicais na sua heterossexualidade. Amaechi, filho de pai nigeriano, nascido em Massachusetts, cresceu na Inglaterra e já jogou por cinco temporadas em quatro times diferentes nos Estados Unidos. Hoje, ele arrecada fundo e mantém a Fundação ABC (*Amaechi Basketball Center*) para treinamento de jovens desportistas. Em breve, Amaechi será o convidado do *Outside The Lines*, programa da ESPN, onde contará mais sobre sua vida. No livro, ele ressalta que a vida de um gay não é tão solitária quanto possa parecer, apesar de sua dificuldade em assumir sua homossexualidade por conta da carreira.

Em entrevista concedida ao *The New York Times* por ocasião do lançamento do livro, Amaechi declarou saber que “existem jogadores gays na liga, assim como em muitos outros esportes profissionais”. “O importante é que eles se tornem visíveis, e não invisíveis”. “Mas, se queremos pedir a esses jogadores que deem esse passo,

é preciso que a sociedade também faça sua parte. É preciso existir um nível de raciocínio que deixe explícito que, nas partidas, insultos homofóbicos ou o uso de termos de rejeição aos gays pelos torcedores, jogadores, técnicos e dirigentes não podem ser tolerados". Apesar do choque da *straight Bush nation* (*nação hétero de Bush*), o jogador recebeu incontáveis mensagens de apoio desde sua saída do armário, e um "pequeno, mas ruidoso", número de mensagens negativas. Nascido em Massachusetts e criado na Inglaterra, este gigante das quadras tomou, convenhamos, uma atitude bem rara entre atletas profissionais. São poucos os nomes de elite no esporte que revelam ser gays. Nos Estados Unidos, Esera Tuaolo, do futebol americano, e Billy Bean, do beisebol, são dois raros exemplos.

O pivô Amaechi atuou na NBA durante cinco temporadas. Com médias de 6,2 pontos e 2,6 rebotes, ele se aposentou em 2003. Depois disso, voltou para a Inglaterra, onde tem trabalhado como apresentador de televisão. Este é apenas mais um desafio na vida do atleta, que teve uma infância difícil, marcada pelo excesso de peso e pela rejeição dos amigos. Até realizar o sonho da NBA, ele passou por vários obstáculos: foi abandonado pelo pai, dispensado pelo time universitário, sofreu com a morte da mãe e ainda se viu obrigado a lidar com lesões e problemas físicos. O modo como os esportistas americanos tratam o homossexualismo sempre incomodou Amaechi: "Se você olha para a NBA, as minorias não são bem representadas. Ainda são poucos jogadores descendentes de hispânicos e asiáticos, por exemplo. Então não é nenhuma surpresa o fato de não haver gays assumidos. Seria como um



alienígena caindo do céu.”

O título do livro pode ser traduzido livremente como *O homem no centro*, expressão usada para caracterizar os pivôs no basquete. Ao terminar de ler o livro, minha impressão de Amaechi é a de um atleta profissional correto, livre de máscaras, com uma visão humanitária espetacular de mundo que poderia causar despudor na realeza britânica. *Man in the Middle* é um dos mais inteligentes e mais corajosos livros de autobiografia *queer* que eu já li, livro de um líder que está em paz com sua “intimacy” - intimidade. Mas que os Estados Unidos – ala *straight* – estão abalados, ah, estão! Soco no estômago dói, com certeza, dói.

## **Aids e Kelly Key – deu no *New England Journal of Medicine***

Mauro Schechter, infectologista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse ter orgulho do que o Brasil realizou, mas ele deseja que mais pesquisa tivesse sido feita revelando quais aspectos do programa de prevenção à Aids do país foram responsáveis pelo seu sucesso até agora. “O que o Brasil fez é fascinante”, disse. “O Brasil mostrou o caminho, o Brasil mostrou inequivocamente que isso pode ser feito. Mas agora, dez anos depois, quando as pessoas falam: ‘Digam-nos como fazer’ – nós não temos como dizer.”

Numa época de crise ética e política, o país bem que podia inspirar-se na política adotada no combate à Aids para resolver a maior parte de seus problemas, pelo menos internos. O periódico médico-científico *New England Journal of Medicine* publicou em 12/05/2008 um longo, interessante e elogioso artigo “Combatendo o HIV - Lições do Brasil”, de Susan Okie. Excepcionalmente, nessas revistas especializadas e caras, o texto foi para a rede com acesso livre – obviamente, em inglês. Alguém deveria pedir licença e traduzir. Temos muitas lições a tirar, também, do reconhecimento internacional obtido por uma ação do Estado brasileiro no seu melhor. Enquanto a maioria de nós fica resmungando pelos cantos contra o governo Lula e/ou o governo FHC, um bando de gente decidida e competente foi à luta e obteve bons resultados contra a Aids, com base na dupla prevenção/acesso universal ao coquetel.

Um dos muitos elogios do artigo se refere ao caráter direto, não hipócrita, da propaganda em favor da camisinha. Até a participação de Kelly Key é acolhida, assim como o envolvimento de prostitutas, presidiários e michês - aquela gente ordinária que outra gente **extraordinária** se recusa a olhar e ver.

Vale a pena ler. "Ajuda a conter um pouco do complexo de vira-lata que nos aflige cronicamente", comentou um jornalista ao ler a matéria. Gostei deste comentário e, por falar em complexo de vira-lata, há muito vira-lata que vai começar a correr atrás de carniça por aí. Em tempos difíceis como os de agora, falta aquele restinho de comida para jogar aos pombos, pardais e vira-latas. Mas como está na moda fazer greve de fome e pirraça, nem carniça é capaz de os cães quererem mais. Se a moda pegar, o Gigante Adormecido vai latir!

## Aurélia

Não, não é Amélia, aquela que não tinha a menor vaidade, aquela que era a mulher de verdade. É *Aurélia*! O livro *Aurélia* é um dicionário de termos gays lançado há uns quinze dias, 30/05/2006, em São Paulo pela Editora do Bispo. Está correndo o risco de ser retirado das livrarias. A Editora Positivo, que detém os direitos de publicação e comercialização do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, enviou na última segunda uma notificação extrajudicial, assinada por seus advogados e pelos da família de Aurélio Buarque de Hollanda, o autor do famoso dicionário, pedindo que os exemplares do *Aurélia* fossem retirados em 24 horas das livrarias e que toda a divulgação cessasse. A Editora do Bispo, por meio de seus advogados, avisou que não retiraria a obra. “Nosso livro trata de um universo linguístico adequado a um universo específico. Nunca foi nosso objetivo confundir o consumidor”. O que acham? Criativo, mas têm seus adeptos e seus contrários. Vejamos: em texto na Folha de São Paulo, a colunista Nina Lemos estampa: “O dicionário sai do armário – *Aurélia*, livro que cataloga termos do mundo gay, é lançado em São Paulo; família de Aurélio Buarque de Holanda e editora Positivo rejeitam a ‘homenagem’”.

É claro que não se trata de homenagem e, sim, de uma paródia escrachada ao título do Dicionário mais conhecido da Língua Portuguesa no Brasil. Segundo

a jornalista, “em meio a polêmicas, a livra *Aurélia, A Dicionária da Língua Afiada* (São Paulo: Ed. Da Bispa, 143 p., R\$ 24) é escrita na forma preferida de comunicação entre alguns dos integrantes do mundo gay, sempre colocando as palavras no feminino”. Para os (ou as) autores(as) do primeiro dicionário de expressões gays do Brasil, o jornalista Victor Ângelo, 38, que assina com o codinome de Ângelo Vip, e Fred Libi, que prefere não se identificar e é descrito na obra como um “gay de nascença que se refugiou nos estudos para entender o mundo que o hostilizava”, o que era “o” vira “a” entre os homossexuais, explicando o título.

O negócio é que a “homenagem” foi dispensada. A questão é: tal “homenagem” não agradou a família do dicionarista nem a editora Positivo, que detém os direitos sobre as edições e comercialização do *Aurélio* desde 2003. O diretor de marketing do grupo Positivo, André Caldeira, afirmou que “tomaria todas as medidas judiciais cabíveis para defender a marca” e o fez, explicando-se: “Quero deixar claro que não é uma prática de homofobia. É proteção a uma marca.” Segundo Caldeira, *Aurélia* seria uma “deturpação do nome”. “Estão pegando carona em uma instituição muito importante”.

“A família, em nome do falecido autor, declara-se contrária a qualquer demonstração de homofobia, mas dispensa essa ‘homenagem’ ao dicionário”. De acordo com Ivan Junqueira, membro da Academia Brasileira de Letras, “é interessante que exista no Brasil um dicionário de expressões gays”. “Só acho que eles pegaram pesado com a brincadeira e erraram na mão.

O Aurélio é uma instituição brasileira”.

Longe das polêmicas, o autor Victor Ângelo afirma que prefere chamar o livro de “dicionária” e que acha que a catalogação das expressões gays é importante. “Além disso, o livro pode ser usado para que os pais entendam o que os filhos falam. E também para que bofes (heterossexuais masculinos) compreendam melhor as frases de suas namoradas, já que muitas mulheres falam como os gays.” De acordo com ele, o livro foi feito por pesquisas realizadas por ele e Fred Libi há cerca de dez anos. “Começamos a perguntar para amiguinhos e amiguinhas. Conversamos com gente do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará e também com amigos portugueses. E também entrevistei travestis”, explica Ângelo. Os travestis são os responsáveis, de acordo com ele, por boa parte dos termos. “O bajubá (linguagem usada pelos travestis) é muito interessante, pois antes era um código entre eles. Quando dizem, por exemplo, ‘aquenda o alibã’, querem dizer ‘cuidado com a polícia’”.

O tom de *Aurélio* é bastante politicamente incorreto. Na primeira página, eles já avisam: “Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura”. “Não teria graça alguma fazer um livro gay politicamente correto. E também, que coisa chata ter que ser chamado de gay. É viado, é bicha. Muitos grupos ficam com essa coisa de chamar de ‘homossexualidade’, o que é uma chatice.” Apesar de escrito por dois gays, o livro várias

vezes tira sarro dos próprios gays. No verbete “piti”, por exemplo, eles explicam: “Nervosismo, histeria, ataque de bichice”. Apesar de tão “incorreto politicamente”, parte da renda obtida será doada a instituições de apoio a HIV soropositivos. Pegaram pesado ou não? Sou todo ouvidos! É por isso que dizem (as próprias): “Bicha não morre, vira purpurina!” Por outro lado, é muito pouco para desmontar uma INSTITUIÇÃO NACIONAL.

## **Bruna Surfistinha no *The New York Times*: mais uma roleta russa da cultura brasileira**

Larry Rohter, o polêmico repórter do *The New York Times*, escreveu uma reportagem sobre o “fenômeno cultural brasileiro” Bruna Surfistinha, na realidade, pseudônimo de Raquel Pacheco, 21 anos, ex-garota de programa (prostituta pós-moderna) da elite brasileira (está riquíssima e não é mais o que era, segunda ela). Para o repórter, “ela usa o nome Bruna Surfistinha, e dá novo significado à frase ‘beijar e contar’”. Refere-se ao *blog* que logo se tornou o mais popular do país e a seu livro de memórias, *O Doce Veneno do Escorpião*, campeão de vendas, com 100.000 cópias vendidas desde que foi publicado. Tornou-se uma celebridade com seus relatos gráficos e diários da vida de garota de programa. O repórter afirma que o livro fez dela um “guru sexual”.

Grito: “Então tá! Fica combinado assim.” Ele continua: “Mas não foi apenas seu uso sagaz da Internet que fez de Bruna (...) um fenômeno cultural. Ao vir a público com suas experiências, ela contrariou a convenção e iniciou um debate vigoroso sobre valores e práticas sexuais, revelando um país que nem sempre é tão desinibido quanto o mundo às vezes acredita”. Entrevistada no escritório de seu editor, Pacheco disse que “o *blog* que se tornou seu veículo para a fama surgiu quase por acidente. Mas depois que começou, logo percebeu seu potencial comercial e capacidade de transformá-la de



mais uma garota de programa, como são chamadas as prostitutas de alta classe no Brasil, em empresária do erotismo.” Fenômeno da cultura brasileira? E por que não?

“O Brasil é um país de contradições, tanto em relação à sexualidade quanto a qualquer outra coisa”, escreveu Richard Parker, antropólogo da Universidade de Columbia, autor de *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil (Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo)*. O pesquisador completa: “Há um espírito de transgressão na vida diária, mas há também muito moralismo.” Bruna explica: “No início, eu só queria extravasar meus sentimentos; nem coloquei uma fotografia ou número de telefone”, disse ela. “Eu queria mostrar o que acontece na cabeça de uma garota de programa, e não encontrava nada assim na *Net*. Eu pensei que, se eu tinha curiosidade, outros também teriam”.

Para Larry, “Pacheco transformou essa curiosidade em sucesso de vendas com seu livro”. Mistura de autobiografia e manual (2005), está sendo traduzido para o Espanhol. Em entrevista ao *The New York Times*, Pacheco disse: “Em noites de autógrafa, 80% do público é feminino. Não esperava isso porque a maior parte de meus leitores no *blog* parecia ser masculina, inclusive clientes que “queriam ver como classificava minha performance”. Na sua opinião, o alto nível de interesse feminino em suas experiências sexuais reflete um vão no Brasil entre as noções de sexo e a realidade: “Acho que há muita hipocrisia e um pouco de medo”, disse ela. “As brasileiras têm essa imagem sensual, de

que ficam à vontade e não têm inibições na cama. Mas todo mundo que mora aqui sabe que não é verdade. A língua, este músculo poderosíssimo, do repórter, vai além: “O carnaval e a sensualidade geral que parece permear o ambiente podem dar a impressão de que o Brasil é extraordinariamente permissivo e liberado, especialmente se comparado com outras nações predominantemente católicas. Mas especialistas dizem que a situação verdadeira é muito mais complicada, o que explica tanto o surgimento de Bruna quanto as fortes reações que provocou”.

Pois então. Nós trabalhamos pra caramba. Eu, professor de uma Universidade Federal, como todas as outras, pelo governo sucateada, cinquentão, estou pensando seriamente em ir pra pista! Sabem por quê? Lá fora estão dizendo que no Brasil é fácil penetrar. Ambiguidades! Que nada! Somos um país de contradições sim. O antropólogo Parker está certo. Tenho um orientando travesti. Inteligentíssimo. Faz pista. Daqui a um tempo será Doutor e Prostituto. Por quê? Talvez, transgressão e moralismo sejam a verdadeira cara do povo brasileiro.

Enfim, alguns brasileiros aplaudiram a franqueza de Bruna e dizem que é saudável falar de alguns tabus, como o que ela e alguns especialistas chamam de um gosto nacional pelo sexo anal. Outros criticam sua fama como uma manifestação nociva da economia de mercado e mundialização: “Isso é fruto de um tipo de sociedade na qual as pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro, inclusive vender seus corpos para poder comprar um telefone celular”, disse Maria Clara Lucchetti Bingemer, colunista de jornal e professora de teologia

da Universidade Católica do Rio de Janeiro. “Sempre tivemos prostituição, mas era escondida, proibida. Agora é uma opção profissional como qualquer outra, e isso é verdadeiramente chocante”. Mas Gabriela Silva Leite, socióloga e ex-prostituta que agora dirige um grupo de defesa de prostitutas, argumenta que essas preocupações são exageradas. “Não é um livro como esse que vai estimular a prostituição, mas a falta de educação e de oportunidades para as mulheres”, disse ela. “Não acho que a Bruna glamoriza as coisas. Pelo contrário, você pode ver o livro dela como uma forma de advertência, pois ela fala do ambiente desagradável e de todas as dificuldades que enfrentou”. Bem, o filme está aí, batendo recordes de bilheteria em todo o país.

Educação, GENTE! Educação! É isso que falta no tripartite, o Papagaio repete exaustivamente.

## Carandiru, outro massacre: o ideológico

Mais de 13 anos após o episódio conhecido como massacre do Carandiru, que resultou na morte de 111 presos e teve repercussão internacional, Ubiratan Guimarães, o coronel da reserva da Polícia Militar que chefiou a invasão na Casa de Detenção, saiu absolvido no dia 15/02/2006 do Tribunal de Justiça de São Paulo. Vinte desembargadores anularam a pena de 632 anos, determinada pelo 2º Tribunal do Júri, em 2001, e inocentaram o coronel Ubiratan por considerar que houve contradição entre as respostas dos jurados e a condenação dele. Apenas dois desembargadores votaram pela manutenção da pena. O Ministério Público diz que vai recorrer da decisão ao Superior Tribunal de Justiça.

Em uma sessão de cinco horas, o TJ considerou que os jurados queriam inocentar o oficial da PM, mas as respostas teriam sido mal analisadas pela juíza Maria Cristina Cotrofe. Na época, o júri durou dez dias. Para os desembargadores, os jurados aceitaram a tese de estrito cumprimento do dever e, mesmo assim, foi votado o item que questionava possível excesso por parte do coronel. Então é assim? Você recebe uma ordem para sair matando pessoas e cumpre-a rigorosamente sem questionar? Temos muitos **Bushes** à solta, para quem a vida e a morte das pessoas são a parte predileta de seus *wargames*. Todavia, nada me

tira da cabeça que há um cheiro de podridão no ar, de resquícios do militarismo nefasto pós-64 no caso do Carandiru. Dar uma ordem! Torturar, matar, invadir! Não pensemos que estas palavras estão enterradas nos porões da ditadura. Estão mais vivas do que nunca neste país das (des)maravilhas e da impunidade, que não se sustenta na dignidade da soberania ética e de dever: a justiça não se entende, os políticos querem cada vez mais o dinheiro do povo e este, acuado, ri, ri, samba, vê futebol e chupa tangerina (Um planeta de macacos sorridentes, onde a contraideologia não existe!) enquanto aplaudem Lula comendo macaxeira!

Pois é. Descaradamente os desembargadores afirmaram que só restabeleceram a intenção dos jurados. O anúncio da decisão provocou aplausos por parte de assessores do coronel Ubiratan e de oficiais da reserva que o acompanhavam, seguidos de vaias de integrantes de entidades de direitos humanos. Uma líder chegou a ser detida pela segurança do TJ. “Eu sabia que a justiça seria feita. Sinto pelas mortes, mas os policiais apenas reagiram”, afirmou o coronel, entre cumprimentos e telefonemas com parabenizações. Não é o cúmulo? Ser aplaudido por matar! Estão fazendo uma apologia ao crime legalizado! Vejam vocês que o coronel Ubiratan nunca chegou a ser preso. Apesar da condenação de 632 anos por coautoria em 102 homicídios e cinco tentativas de homicídio, ele ganhou o benefício de recorrer da sentença em liberdade. Em 2002, ao se eleger deputado estadual, passou a ter foro privilegiado. Nenhum outro policial envolvido na ação foi julgado ainda. “É a praga do julgamento ideológico. Alguns defendem que os direitos humanos são para as pessoas consideradas de

bem, e não para os marginais”, afirmou o procurador Antonio Visconti.

Sou brasileiro sim. Mas não alimento nenhuma visão romântica da realidade brasileira atual. Vivemos em um país onde as pessoas nem pensam mais nelas de tanto que pensam nelas! E no bem-estar de todos nós: “nação-invenção”? O Brasil é um país egoísta, sem rumo, à deriva de desmandos diversos de um “papa” em tudo guloso com cara de sapo! E ainda por cima não parnasiano. Fora! Fu! Fora! E quanto ao coronel, eu fiquei bege, mas só isso não o fará ir para a prisão. Onde estão as ONGs cheias de dinheiro ligadas à Anistia Internacional? Vão se calar? *Abroad*, nauseabundos observam-nos e ao gigante adormecido, afinal não entendem que alguém possa ser feito só de manga, açai, mugunzá... genipapo! *Shame on you*, Seu Ubiratan & Cia.



## **“Demo graças a Deuso e à Democracia”:** nada mais equivocado

Em tempos de eleição para governantes e legisladores, até tentei não entrar no mérito da questão aqui neste espaço. Porém, depois de ler um artigo de Boaventura de Souza Santos\* (Agência Carta Maior – *Folha de São Paulo*), senti-me na obrigação de, pelo menos, resenhá-lo para o leitor. É que, segundo o Datafolha (10/09/2007), Lula tem 48% de aprovação dos pobres que acreditam ser ele uma espécie de Antonio Conselheiro dos Pobres e Desamparados. A economia brasileira, se vista por um viés mundializado, vive em dois extremos, dada a desigualdade social, já sabemos, coisa historicamente arraigada no nosso pendão. Por outro lado, se vivemos numa democracia, deve-se ter bem clara a ideia de como ela funciona.

Nas palavras de Boaventura, se “analisada globalmente, a democracia oferece-nos duas imagens muito contrastantes. Por um lado, na forma de democracia representativa, ela é hoje considerada internacionalmente o único regime político legítimo. Investem-se milhões de euros e dólares em programas de promoção da democracia, em missões de fiscalização de processos eleitorais, e, quando algum país do chamado Terceiro Mundo manifesta renitência em adotar o regime democrático, as agências financeiras internacionais têm meios de o pressionar através das



condições de concessão de empréstimos. Por outro lado, começam a proliferar os sinais de que os regimes democráticos instaurados nos últimos trinta ou vinte anos traíram as expectativas dos grupos sociais excluídos, dos trabalhadores cada vez mais ameaçados nos seus direitos e das classes médias empobrecidas”. Certamente estamos brasileiros e latinoamericanos incluídos neste segundo grupo. Ainda para Boaventura, “sondagens recentes feitas na América Latina revelam que em alguns países a maioria da população preferiria uma ditadura desde que lhe garantisse algum bem-estar social”. Não passem. Meu pai é um deles. Homem firme e de caráter inabalável vive clamando Castelo Branco e a “revolução”. A despeito de sua humilde visão de democracia, meu pai fareja que algo não está indo muito bem. Em seu artigo, o sociólogo mais respeitado da atualidade nos diz: “Acrescente-se que as revelações, cada vez mais frequentes, de corrupção levam à conclusão que os governantes legitimamente eleitos usam o seu mandato para enriquecer à custa do povo e dos contribuintes. Por sua vez, o desrespeito dos partidos, uma vez eleitos, pelos seus programas eleitorais parece nunca ter sido tão grande. De modo que os cidadãos se sentem cada vez menos representados pelos seus representantes e acham que as decisões mais importantes dos seus governos escapam à sua participação democrática”. Bingo!

Alega Boaventura que o contraste entre estas duas imagens oculta um outro, entre as democracias reais e o ideal democrático. Para ele, “Rousseau foi quem melhor definiu este ideal: uma sociedade só é

democrática quando ninguém for tão rico que possa comprar alguém e ninguém seja tão pobre que tenha de se vender a alguém”. Segundo este critério, estamos ainda longe da democracia. Realmente, os desafios que são postos à democracia no nosso tempo são claros e ficam ainda mais evidentes quando explicados dessa forma: “Primeiro, se continuarem a aumentar as desigualdades sociais entre ricos e pobres ao ritmo das três últimas décadas, em breve, a igualdade jurídico-política entre os cidadãos deixará de ser um ideal republicano para se tornar uma hipocrisia social constitucionalizada. Segundo, a democracia atual não está preparada para reconhecer a diversidade cultural, para lutar eficazmente contra o racismo, o colonialismo e o sexismo e as discriminações em que eles se traduzem. Isto é tanto mais grave quanto é certo que as sociedades nacionais são cada vez mais multiculturais e multiétnicas. Terceiro, as imposições econômicas e militares dos países dominantes são cada vez mais drásticas e menos democráticas. Assim sucede, em particular, quando vitórias eleitorais legítimas são transformadas pelo chefe da diplomacia norte-americana em ameaças à democracia, sejam elas as vitórias do Hamas, de Hugo Chávez ou de Evo Morales. Finalmente, o quarto desafio diz respeito às condições da participação democrática dos cidadãos. São três as principais condições: ser garantida a sobrevivência: quem não tem com que se alimentar e alimentar a sua família tem prioridades mais altas que votar; não estar ameaçado: quem vive ameaçado pela violência no espaço público, na empresa ou em casa não é livre, qualquer que seja o regime político em que

vive; estar informado: quem não dispõe da informação necessária a uma participação esclarecida equivoca-se quer quando participa, quer quando não participa. Pode dizer-se com segurança que a promoção da democracia não ocorreu de par com a promoção das condições de participação democrática. Se esta tendência continuar, o futuro da democracia, tal como a conhecemos, é problemático.” O Brasil não se encontra em nenhum entrelugar. Parece refletir-se nas três – o retrato do nosso país! Resiste fortemente às intempéries do seu regime político pseudoesquerdista, manca por causa da falta de participação por acomodação ou falta de hábito e sem escolha... não sabe escolher. Beco sem saída: não somos racistas? Já superamos o colonialismo? Estamos livres do preconceito e abertos à diversidade sexual? São perguntas que, entre milhares de outras, não querem ser respondidas, pois preferem o ranço da permanência e do continuísmo. E lá vamos cantando “Soy loco por ti America...” Este bonde chamado desejo!

*\*Boaventura de Sousa Santos é sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal.*

## A Universidade Brasileira e o Estado

Sabe-se que a educação na Universidade Brasileira sofre diretamente as influências e interferências do poder público de forma muito mais intensa que as do conhecimento acadêmico-científico e do desenvolvimento da tecnologia. Intrigam-me a influência do avanço e da natureza de uma prática social contraditória no interior de nossas universidades. Considero até mesmo conflitante a relação que há entre as práticas educacionais e a produção social dos saberes e de pensamento, relação esta antagônica e que se articula muito fortemente no projeto de reforma universitária do governo, mais marcadamente com os interesses dos grandes grupos econômicos no interior da estrutura econômico-social do Governo Lula.

Na função de preparar indivíduos (se é que na cabeça do governo ainda lhe cabe tal função) para o exercício da cidadania, num mundo de funções diferenciadas em sujeitos diluídos, a Universidade deveria ser, mais do que nunca, um dos agentes a viabilizar para a sociedade relações culturais, políticas, técnicas e intelectuais que possam romper qualquer fronteira dos limites individuais, locais e nacionais.

Assim como acontece com a cultura letrada e com a ordem econômica, a forma como se origina e evolui o

poder público tem grandes implicações na evolução da educação escolar e, portanto, na produção do pensamento. Originalmente, o pensamento dentro da Universidade deveria se desenvolver principalmente para atender às demandas da pesquisa e do mercado. Desta forma, ainda que os objetivos verbalizados do sistema de ensino em vigor visem atender interesses da sociedade como um todo, é sempre inevitável que as diretrizes reais assumidas pela Educação *lato sensu* favoreçam mais as camadas detentoras de maior representação nessa estrutura.

Na contramão, em sociedades tidas como tradicionalistas e aristocráticas cujas bases estão implantadas na hipertrofia do poder privado, o pensamento tem definido seu papel político: concorrer para que somente as camadas dominantes, as únicas em condições de consumir a inércia do ensino, mantenham sua posição dominante pela natural distância entre essas camadas e os estratos sociais assegurada pelo monopólio da cultura letrada. Torna-se a educação instrumento de dominação dos pensantes. Não tem que ser assim, porém.

A política educacional do atual governo se mostra, como a do governo FHC, submissa aos interesses representados pela política do setor econômico. Destarte, a tão discutida reforma passa a ser nada mais nada menos que a extensão da Universidade neoliberal: contenção de produção e da expansão de pensamento em limites compatíveis com o modelo econômico. É só prestarmos atenção à política das agências governamentais de fomento à pesquisa.

Um Vexame! Trinta e cinco Universidades Públicas em greve, desgarradas e menosprezadas. Pior, sem perspectivas de melhorar!

E lá se vão as “estrelas” para as Instituições de Ensino Superior privadas, ansiosas pelo mercado aberto a elas. E estão dando um banho, hein?



## Masculinidades Excluídas

Depois de organizar a coletânea de ensaios de estudos de gênero *Masculinidades Excluídas: homens na cena contemporânea* (AZEVEDO FILHO, Flor&Cultura/Geites, 2006), ao refletir sobre as discussões com o grupo de (pós)doutores pesquisadores que escreveram para o livro, muitas questões vieram à tona. Uma delas e, talvez, a que mais me chamou a atenção é o despreparo das pessoas em lidar com mulheres e homens homoeróticos em idade escolar e, se ainda homo negros e/ou homo deficientes, ai, temos que orar para as deusas, principalmente porque a maioria das pessoas, professores e funcionários, despreparados, não sabem como agir ante o assunto e o ignoram, o que é absolutamente desastroso em vários sentidos.

Um levantamento do IBPS (Instituto Brasileiro de Pesquisas Sociais) feito este ano mostra que 92% da população brasileira defendem o respeito ao direito de ser homossexual. Destes, 54% acreditam que a discriminação ao segmento GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) deve ser criminalizada e 82% declaram que conviver com gays na escola não traz problemas de relacionamento. Porém, para a maioria das pessoas, falar sobre homossexualidade continua a ser um tabu. A constituição social, religiosa e conservadora faz com que as conversas informais acerca de sexo não transgridam o preconceituoso senso comum. Isso aumenta a responsabilidade que os



colégios já têm, que é trazer os debates à luz da ciência. Hoje em dia, ainda que timidamente, alguns trabalham com temas ligados à sexualidade; mesmo estes, no entanto, evitam discutir a homossexualidade.

Apesar de a Orientação Sexual constar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pouco se fez até hoje para garantir aos profissionais da Educação a formação necessária. É difícil para eles trabalhar com desenvoltura um tema para o qual não foram formados ou não se sentem seguros. “É importante que nos cursos de formação de professores estes profissionais tenham acesso a disciplinas que discutam a sexualidade, para que possam tratar do tema adequadamente com seus alunos”, afirma Marília Mendes, educadora e estudiosa do assunto, Doutora em Psicodidática pela Universidad Del País Vasco (Espanha). Já Rita Moreira, socióloga, especialista em Educação pela Universidade Estadual da Bahia (Uneb) e membro do Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação da Universidade Federal da Bahia (Gefige-UFBA), diz que a sexualidade faz parte da condição humana e precisa ser abordada com naturalidade. Segundo ela, na Bahia existem poucos, mas importantes cursos para os professores interessados. “Temos hoje o Programa de Educação Sexual (PROEDSEX) na UFBA, do Instituto de Biologia”, diz. “Além disso, o Instituto está promovendo curso de extensão sobre o ensino de Ciências e Gênero, com enfoque na sexualidade”. Rita cita ainda o Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher (Neim) e os debates que o Gefige promove sobre Gênero, Sexualidade e Educação, na Faculdade de Educação (Faced). “Alguns desses são gratuitos e

de ampla divulgação na internet e nos Institutos onde acontecem”, diz. Este ano, o Governo Federal lançou o programa “Educando para a diversidade: como discutir homossexualidade na escola”, fruto de uma ação conjunta do projeto “Brasil sem Homofobia”, que visa realizar ações de combate à homofobia em todos os ministérios. Na Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo), temos o Geites – Grupo de Estudos Interdisciplinares de Transgressão – Espírito Santo, do qual sou coordenador.

Como acredito que o colégio reproduz o preconceito social, tornando-se um espelho da sociedade e não um espelho para a sociedade e não acho que isso irá mudar tão rapidamente, sinto termos que tolerar os impactos de um ensino omissivo ou homofóbico, que são inúmeros e graves. “A escola interfere fundamentalmente na formação do sujeito”, afirma a pedagoga Marília Mendes, que faz palestras sobre a sexualidade humana. Segundo ela, várias pesquisas apontam nos gays, como consequências de uma má abordagem da homossexualidade, uma baixa autoestima, conflitos de identidade, isolamento social, agressividade, depressão e dificuldade na aprendizagem.

Há, ainda, aqueles (a maioria), que têm que enfrentar o *bullying*, termo estadunidense que é utilizado para definir a segregação a que alguns alunos são submetidos por outros. “O *bullying* é caracterizado por um conjunto de ações por parte de um grupo que transforma indivíduos em motivo de chacota, humilhando-os e excluindo-os do meio social”, conceitua Marília. Os alunos diminuem seus rendimentos no colégio, podem

se tornar introspectivos, agressivos e, inclusive, cometer suicídio. No caso dos gays, frequentemente os colégios fazem vistas grossas ao preconceito, ou são até agentes dele. Para quem não sabe, professores e funcionários homofóbicos podem ser acionados legalmente. “A situação é de constrangimento, vexame, um crime contra a criança e ao adolescente, porque eles têm direito a um tratamento humanitário em relação a sua sexualidade, que é um direito fundamental”, explica Marcelo Cerqueira, presidente do Grupo Gay da Bahia. “Com esse princípio e com o uso do Estatuto da Criança e do Adolescente, cadeia neles [nos homofóbicos]”.

Antônio Neto, psicanalista formado pela Escola Nacional de Psicanálise, considera de enorme importância que se discuta a homossexualidade nos colégios. “É necessário mostrar ao sujeito do novo milênio que tanto faz ser hetero ou homossexual”, afirma. “Ambas as orientações têm o mesmo grau de normalidade”. E a sociedade, a passos lentos, parece estar percebendo isso, como mostram as estatísticas do IBPS. Agora, cabe às instituições de ensino fazer sua parte, educando as crianças e adolescentes para que o mundo se torne um lugar menos preconceituoso, pois, independentemente de quaisquer características que nos tornem diferentes, a condição humana deve ser sempre motivo suficiente para garantir o respeito a todos. Pelo menos, respeito, porque garantir as inclusões no Brasil ainda é hipocrisia. E por sina não pode ser diferente!

## O mundo kitsch das *drag queens* em livro

Amanda Perobelli (fotógrafa) e Rosana Villar de Souza (texto), alunas de jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo) empenharam-se em toda a essência *drag* para a elaboração de um projeto experimental de Conclusão de Curso da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas. O resultado foi consagrador. Sob a orientação de Eder Chiodeto, munidas de uma ideia na cabeça, câmera fotográfica e gravador nas mãos, saíram pela noite paulistana para conferir o que faz esses seres – as *drag queens* – tão fascinantes e encantadores. O resultado está no livro *Rainhas e Dragões – Uma viagem pelo universo drag de São Paulo*, 142 páginas, todo em papel couché e com diagramação de Luciana Porto Alegre Steckel. Uma excelente contribuição para os estudos da homocultura brasileira, que tem a Abeh – Associação Brasileira de Estudos da Homocultura como legítima representante dos estudos homo no Brasil, já tendo realizado três congressos em três respeitadas universidades federais: o 1º Congresso – Homocultura e Cidadania – foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo em 2002, sob minha presidência; o 2º Congresso se realizou na Universidade de Brasília, Curso de Comunicação Social – Imagem e Diversidade Sexual –, em 2004, sob a presidência do Prof. Dr. Denílson Lopes; o 3º Congresso, cujo tema foi “Discursos da diversidade Sexual: lugares, saberes, linguagens”, se

deu na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a presidência do Prof. Dr. Bruno Souza Leal.<sup>2</sup> A Abekh foi responsável pela premiada publicação *A Escrita de Adé* – Prêmio Diversidade Sexual/Literatura do Teatro Municipal de São Paulo 2002, uma coletânea de Estudos Gays e Lésbic@as bem diversificada (São Paulo: Xamã; Nova Iorque: Suny-Press).

A apresentação do trabalho para a banca examinadora - que tinha entre seus membros o atual articulista da coluna GLS da *Folha de São Paulo*, Duílio Ferronato, e o professor e jornalista Jorge Tarquini – teve direito a uma homenagem extra: Rosana se “montou” para o *grand finale*.

As drags Dimmy Kieer e Dindry Buck, que são personagens do livro, fizeram questão de prestigiar a apresentação do trabalho, conferindo charme extra ao evento. Agora falta apenas que alguma editora resolva investir no trabalho das duas jornalistas recém-formadas e fazer com que o grande público tenha acesso à obra. Fica a sugestão.

---

<sup>2</sup> É importante frisar que hoje a Abekh já está planejando seu sexto congresso. O quarto foi realizado na USP e o quinto na UFRN.

## *Jardim Gramacho e a bruxa do lixão*

Há 12 anos, o fotógrafo carioca Marcos Prado não só pensou como resolveu investigar o lixão e o cotidiano dos catadores de lixo do aterro Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no Rio, para onde são levadas as sete toneladas de lixo que os cariocas produzem diariamente — uma experiência que transformaria sua vida para sempre. Prado passou uma década acompanhando e fotografando/documentando cenas desse cotidiano, dando origem ao livro *Jardim Gramacho*, publicado pela Editora Argumento. Seu trabalho virou um filme — não sobre o lixão propriamente dito, mas sobre a trajetória da catadora que mais impressionou o fotógrafo: Estamira Gomes de Souza.

O livro-documentário/filme *Jardim Gramacho*, de Marcos Prado, conta-nos a história real de Estamira, uma catadora de lixão, seu *locus* natural e *habitat*, desde sua primeira aproximação, quando foi pedir autorização para fotografá-la, no ano 2000. “Embora 90% das pessoas ali fossem trabalhadoras, gente pobre tentando sobreviver, também havia fugitivos da cadeia, traficantes, bandidos, gente que não queria aparecer. Como eu precisava fazer retratos, ela foi uma das pessoas a quem pedi autorização”, conta o diretor. “Ela se apresentou pra mim de uma forma muito mágica. Disse ‘senta aí que eu quero te contar umas histórias’. Fiquei fascinado desde o começo, e, falando com as pessoas em volta, vi que muitas a consideravam

uma bruxa. Todas tinham noção de que era algo muito diferente do normal. Aquele linguajar não é comum”.

No filme, as imagens captadas no lixão seguem uma ordem cronológica, intercaladas por depoimentos de parentes, que reconstroem a história de Estamira. Juntando todas as peças, descobre-se que ela teve uma infância difícil — diz ter sido levada para a prostituição pelo avô materno, aos 12 anos, quando vivia em Goiás — e que sua mãe também tinha problemas psiquiátricos. Também se descobre que ela se casou pela primeira vez aos 17 com o pai de seu filho mais velho, Ernani. Separou-se, casou-se de novo, teve mais uma filha, Carolina, e viveu dias de relativa prosperidade até aparecerem os primeiros sinais de insanidade — e perder a fé completamente. Religião, aliás, é um assunto que a tira do sério. O filme mostra dois momentos delicados sobre o tema: uma briga que ela tem com Ernani, que frequenta a Igreja Adventista do Sétimo Dia e acha que a mãe é possuída por uma força demoníaca, e uma discussão com o neto de nove anos, que questiona por que ela não gosta de Deus — e por isso ouve os piores insultos da avó.

Estamira tem uma terceira filha, Maria Rita, que foi criada longe dela por iniciativa de Ernani. No filme, as duas estão novamente juntas — Maria Rita com 21 anos, muito carinhosa com a mãe e ressentida do tempo que passou longe dela. “Ela merece muita coisa, e vai conseguir ainda”, diz a moça. Por mais paradoxal que possa parecer, trabalhar no lixão, seguramente o pior lugar da sociedade civilizada, foi o que devolveu certa dignidade a Estamira, depois de um período

em que ela mendigou nas ruas. “Nunca tive sorte. A única sorte que tive foi conhecer o senhor Jardim Gramacho”, diz a própria. O diretor do filme acha que faz sentido, apesar de ter visto de perto o quanto a vida ali é difícil — Estamira passava 15 dias no lixão, sem voltar para casa, dormindo ao relento e sem tomar banho. “No lugar para onde vai tudo aquilo que a gente joga fora, ela começou a se afirmar novamente, a fazer amigos, conseguir algum dinheiro”, diz Marcos Prado. O diretor ficou amigo de Estamira, lhe dá ajuda financeira e acompanha preocupado seu tratamento, especialmente depois que ela parou de trabalhar (desde o ano passado, os catadores não têm mais acesso ao aterro). “Tem oito meses que ela está fora do lixão, longe de uma ocupação, do contato social. Para mim, ela tende a piorar. Não sou médico, não sei se é certo ou não o remédio, mas acho que ter parado pode acentuar esse distanciamento social”, acredita ele.

A própria Estamira se mostra muito consciente de seu tratamento — e, no filme, critica exaltada os remédios que, segundo ela, são distribuídos aleatoriamente. “Eles estão dopando quem quer que seja com um só remédio. O Diazepan, se eu tomar, fico mais louca ainda”, ela afirma, trazendo à tona a discussão sobre a eficácia dos tratamentos psiquiátricos. Não à toa, o filme foi parar em universidades e foi elogiado por integrantes do movimento antimanicomial. O Ministério da Saúde também vai exibi-lo em 600 Caps — os Centros de Apoio Psicossocial da rede pública (um deles, o de Campo Grande, frequentado por Estamira). “Tem muita coisa acontecendo, acho que o filme ainda vai virar muita coisa boa, como a própria discussão do que



é loucura e o que não é”, aposta Marcos Prado. “A dona Estamira vai toda semana às consultas, quer se tratar, tem noção. Não é uma louca desconectada do mundo. Loucos somos nós.” *Jardim Gramacho – Jardim Brasil!*

## **JARDIM DO BUMBA, Jardim Brasil**

É incrível e perturbador constatarmos que, mais uma vez, as centenas de vítimas do deslizamento no lixão do Morro do Bumba, em Niterói, não são nada mais nada menos do que vítimas do descaso trágico das autoridades municipais de Niterói, que nos apresenta uma sinédoque do que é o Jardim Brasil, este país de extremos tão distintos. Elas já haviam sido alertadas por pelo menos dois estudos da Universidade Federal Fluminense (UFF) sobre o risco apresentado pela ocupação irregular no Morro do Bumba, em Niterói. No entanto, nenhuma medida concreta foi adotada com base nas recomendações apresentadas. A pesquisadora Regina Bienenstein, coordenadora do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (Nephu) da UFF, foi autora de um desses projetos. Em um trabalho encomendado pela gestão anterior da prefeitura de Niterói, ela esteve no local em março de 2004. Já haviam ocorrido desabamentos e a prefeitura, ciente da ocupação irregular no antigo lixão, queria ter um diagnóstico mais claro do problema e definir que projetos seriam necessários àquela área. Segundo Regina, “a situação de risco estava clara. Parte dos 400 moradores estavam em cima do antigo lixão. As autoridades sabiam”.

Por isso, o projeto de 2004 recomendava uma série de medidas, entre elas o remanejamento das famílias

que ocupavam o lixão para uma área adjacente que não corria risco de deslizamentos. Como acontece de praxe aqui, neste Jardim das Indelícias, após a eleição, as necessidades foram esquecidas: “Era possível acomodá-las dentro do próprio assentamento (...). Não houve resposta ao meu projeto. Houve a eleição, o comando dos órgãos mudou e isso ficou esquecido”. Não é o cúmulo? Quantas vidas teriam sido poupadas? Não é difícil encontrar este despreparo dos políticos nas rupturas de colisão no entra e sai de governos. Quem sofre com isso? A população que, por ironia do destino, elege e é vitimada. Campos também é exemplo deste descabro.

Em declarações à imprensa, o atual prefeito de Niterói admitiu saber que havia uma comunidade construída em cima do lixão, mas alegou não ter conhecimento do risco. Ora, além do projeto do núcleo coordenado pela especialista, outro estudo de 2004, do Instituto de Geociência da UFF, constatou que a área do Morro do Bumba era de alto risco. E o atual prefeito já governou Niterói por quantas vezes? Não é possível que não tivesse conhecimento do caso. A professora documentou as condições no Morro do Bumba em fotos que mostram casas em cima do lixão e chorume (líquido originado da decomposição de resíduos orgânicos) escorrendo por entre as construções. Segundo Bienenstein, a tragédia no Morro do Bumba “é resultado de um processo de urbanização predatório que não considera toda sua população como parte da cidade”. Ainda segundo ela, a prioridade, agora, deve ser incluir nos planos de habitação que os municípios têm de apresentar até dezembro deste ano ao Ministério das Cidades análises

e iniciativas concretas para lidar com o problema. Para isso, “os planos têm também de identificar áreas vazias nas cidades, estoques de imóveis vazios que possam servir de opção para o remanejamento”. Porém indenizar famílias não costuma dar bons resultados, pois “muitos acabam comprando outras posses em áreas também de risco para continuar perto do trabalho”, opinou a especialista em Arquitetura e Urbanismo.

Além dos dois estudos sobre o Morro do Bumba, a Universidade Federal Fluminense (UFF) também apresentou à Prefeitura de Niterói, em 2007, um plano detalhado sobre como resolver o problema de 142 áreas de risco em 11 regiões do município. O plano, financiado pelo Ministério das Cidades e entregue à prefeitura há dois anos, traz diagnósticos, além de sugestões de soluções e fontes de financiamento. O professor do Departamento de Engenharia Civil da UFF e coordenador da pesquisa, Elson Antônio Nascimento, disse que o plano também nunca saiu do papel. Santa Paciência!!! Ele disparou à imprensa: “A prefeitura sempre busca a universidade para discutir a implementação desses projetos, mas isso não passa de discurso. O governo federal poderia, sim, exigir essa implementação em contrapartida à transferência de recursos”. Nascimento esteve no Morro do Bumba oito anos atrás para avaliar um deslizamento de encosta que deixou uma vítima. Para ele, “a presença de gás metano, oriundo da decomposição de matéria orgânica, era o principal risco”. Sem dúvida um risco BUMBA, um risco Brasil! Buuuuuooooooooommm!



## Crônica de Viagem (II) Vida leva eu...

Fev 7, 2007

Interessante falar de nossas experiências pessoais, este tipo de crônica interior, meio catártica, meio egoica. Sou um cavalo sem companhia no meio deste deserto, para onde o verde foi transplantado, trazido e tem até uma Rua das Palmeiras: Phoenix. Urbanidade pós-moderna. Vida noturna gostosa. Boa comida. A algumas horas de Las Vegas e de Los Angeles. O Grand Canyon!

Muitos chicanos. Aqui se habla Espanhol, muchachos! Indianos, árabes, enfim...

Tive acesso esta manhã à literatura de cordel mexicana – mui linda! Perto da fronteira mexicana é normal que se ouçam os “corridos” (cordel mexicano musicado), na voz de diversos cantores. Outra provocação: “Bola Suriana de la muerte de Emiliano Zapata”, um cordel que anunciou a morte do líder revolucionário mexicano Gal. Emiliano Zapata em 10 de abril de 1919. Que sucesso tanto multiculturalismo!

O tema “Tierra y Libertad” está na boca dos mexicanos até hoje.

Ontem descobri que o Brasil já está muito mais conhecido pelas pessoas deste lado dos EUA. Na palestra que dei sobre a Cultura Afro-brasileira deu de

tudo. Perguntaram-me também coisas bem curiosas. Da navalha de Madame Satã à literatura de Mãe Beata de Iemanjá. Falei também da era Vargas. Vejam só! Nasci no ano em que Vargas morreu. E Carmem Miranda aqui também ainda é mito! E o nosso carnaval muito mais conhecido.

O que mais me espantou, no entanto, foi o fato de Lula, nosso presidente, ser muito popular e ser visto como uma espécie de justiceiro dos pobres. Um rei do cangaço!

Estava sendo aguardado por vários professores das Letras e dos Estudos Culturais no *College of Liberal Arts*. Fui muito prestigiado no sentido de ter presentes à minha conferência pessoas do alto escalão da Universidade.

**Fev. 8, 2007**

Ida ao *Grand Canyon*: aqui em Phoenix conheci um grande camarada chamado Steve Ponich, conhecedor das mudanças na América do Sul e especialmente muito interessado na minha particular opinião sobre a atual situação do Brasil. Conversamos bastante sobre corrupção, violência urbana, economia e seus riscos com a globalização. Nós nos demos tão bem que resolvemos ir juntos ao *Grand Canyon*. Resolvemos alugar um carro e sair estrada *up north*. O Arizona é um deserto – *a horse with no name* – pelo qual se atravessa miticamente e por que não mística e divinamente. Chegamos a uma cidade histórica e culturalmente muito importante chamada *Lagstaff* e lá paramos para

comer e beber algo depois de três horas de chão e cactos. O tempo estava bom, alguma neve no deserto, o que é absolutamente lindo, para dois personagens numa refilmagem pós-moderna de *Easy-rider (Sem Destino)*, apesar de termos destino! Chegamos a 8.000 pés de altitude vislumbrando uma paisagem ultra-humana. Depois de dirigirmos mais três horas, chegamos ao Parque Nacional *Grand Canyon* e a sensação que tive foi que já houvera estado ali, talvez como um chefe apache, o que muito me agradou. Declamei alguns versos de Aluysio (a pedido dele) e gritei, gritei, gritei: “bodiões e baianas/ criados como crianças/ azuis/ por parte de céu/ e mar,/ bodiões bailavam ciranda/ ciosos de mim/ seus bicos de papagaio/ imitavam silêncios/ na babel sustentada, (...)/ no palato das pedras...

Dentro de mim algo inenarrável queria explodir. Deixei. Gritei mais e mais, “um raio de sol/ oblíquo/ foi o obstetra.”

Botei pra fora o formigueiro negro do olho grande e da inveja, aquele lado do ser humano bem próximo que se nega e se renega – o traste! Senti como se estivesse no sertão de Guimarães Rosa, pois naquela tarde o *Grand Canyon* era o mundo pra mim. Mundo vasto mundo! Desta vez berrei! Berro de bicho solto no deserto. Eros! Talvez pronto para cavalgar.

Jantamos comida indígena mexicana. Um pássaro sinistro pousou. A sorte e a mágica da vida. Vida aflora.... Vida que me fez em transe ver o sol nascer no deserto. Seguimos para a *Route 66*, famosa rodovia que nos levaria a Los Angeles. É, vida leva eu!





## Conversão a mais de uma atmosfera

Antes de tudo cabe dizer do excelente “Conversão a mais de uma atmosfera”, do poeta Aluysio Abreu Cardoso Barbosa, que seus versos mostram-nos um autor muito próximo de seu eu-por-se-formar, de sua própria performance lírica, densa e perseverante em sua identidade que, sem outro argumento, além do traço e da pena nobre do vate, já serviria para fazer surgir uma vaga suspeita de contrafacção. Ninguém que tenho lido dessa nova geração de poetas premiados se incorpora com tamanha assiduidade e desenvoltura num disfarce que se teria adotado a técnica literária: **“quando estou lá embaixo/ esbarro comigo mesmo/ sem dar de ombro/ é em mim o tiro que miro/ do arpão que zune nas águas/ e rasga escamas/ e carnes de pouco sangue/ não vejo Deus vendo acima/ só abaixo/ perdido em arquiteturas/ e faço parte Dele/ refém do fascínio/ de quem habita a zona morta/ do meio do esquadro.”**

O eu-lírico-narrativo que se diz **“perdido em arquiteturas”**, procurando se edificar num equilíbrio (**“de quem habita a zona morta”**) exprime uma verdade pessoal incomensurável, uma vontade obstinada da procura. Ou porque, só estimando as verdades muito peremptórias, que não estão ao alcance da mão (**“é em mim o tiro que miro/ do arpão que zune nas águas”**) logo renuncia a alcançá-las; ou porque, já se supondo senhor delas, não necessita ou não quer procurá-las.

O poeta mostra-nos que seus versos são cifras de uma realidade contumaz que só pode realizá-lo com a marca do incessante esforço enquanto, ao mesmo tempo, pode emancipá-lo de qualquer detrito de palavras e ideias, que, no seu interior, servem para esconder-nos a face do seu mundo real: existe uma semelhança camuflada (está aí a especificidade poética de valor maior/ alta literatura) só aparente, de fato enganadora entre essa aplicação e a do artífice que se mortifica na simples busca das expressões ou dos compassos consagrados e consagradores da comunhão com Ele. Ou, para recorrer ao vocabulário do poeta João Cabral de Melo Neto, “a distância que separa da **invenção** a simples **descoberta**.”

Todos os versos do poeta trazem a marca do incessante esforço, mas de um esforço que não quer servir a leis abstratas e formais. Buscando abolir, na expectativa de uma criação mais genuína (“**e rasga escamas**”), certas dimensões habituais da poesia, retoma a delícia do descobrimento involuntário, a vertigem do “**refém fascínio**”, o duro labor do joalheiro: “**do meio do esquadro**”.

A invenção, o ato de pensar sobre o que se vai escrever, surge bem claramente no poema de Aluysio como primeira etapa. É a mais dolorosa e difícil, pois deve dar forma a algo que ainda está em estado nebuloso, gaseiforme, embrionário, nascente. É a etapa que tem importância decisiva sobre o valor daquilo que se escreve. O poeta premiado em 1o. lugar no Concurso Nacional de Poesia Francisco Igreja perfura com um lirismo inconfundível dos canônicos maiores o leitor

mais atento ao assunto e o leva à descoberta extática, pois quanto mais longo tenha sido o período da invenção, mais agradável será a catarse, o desafogo, tanto da parte do poeta quanto da parte do leitor de poesia.

Rubén Darío, ápice do modernismo, admirador de Góngora e de todas as novidades de Paris, livrou-se com fino instinto dos perigos da criptografia. Em seus versos há, algumas vezes, uma leve penumbra, mas que jamais chega à completa escuridão. Por isso os seus versos superaram a vida precária, a vida de fracasso de museu, da poesia rara, extravagante, esotérica, délfica, própria de pitonisas e “pitonisos”. O mesmo tino, o mesmo instinto salvaram o pós-modernista Juan Ramón Jiménez.

Por seu turno, o poema de Aluysio Abreu Cardoso Barbosa traz, como toda grande poesia, e nisso reside realmente estar ele na linhagem de João Cabral de Melo Neto, cuja poesia, para Alcides Villaça, “é construída segundo matrizes que se expõem no centro mesmo da expressão, impondo-se como projeto de visibilidade tal que dispensa a ênfase do tipo sublinhatório.” Como o projeto cabralino, a poética de Aluysio não nasce *ex nihilo*, mas por fortes injunções de natureza psicológica, geracional e cultural, fazendo-nos refletir a todo momento sobre sua própria arqueologia (“**estou lá embaixo/ esbarro comigo mesmo**”).

Daí tanta unidade, daí a explicação para a concisão geométrica, arpoal, sem rebuscamentos. Lugar do poeta. Lugar do pensamento. Lugar da emoção mais profunda!



## Burrice, não!

As línguas neolatinas nasceram do latim vulgar. Isto não é novidade para nenhum de nós. Não deu no Português, que, hoje, falamos? Também não seria novo falar que o próprio povo é quem faz sua língua e a enriquece diacrônica e sincronicamente.

Assim também, qualquer pessoa que frequente um curso de estudos musicais conhece as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, usadas em composições como 5<sup>a</sup>. *Sinfonia*, de Beethoven, ou *Suíte quebra-nozes*, de Tchaikoviski, ou *Bachianas*, de Villa-Lobos. Todavia, em ambos os casos, são poucos os que saberiam medir os ingredientes para uma receita ideal de gosto do receptor, seja usando a língua portuguesa para o texto literário, seja usando as notas para a composição musical.

Machado de Assis, se tomarmos como exemplo os contos “*Cantigas de Esponsais*”, “*Um homem célebre*” e “*O Machete*”, trilogia que trata da crise da criação estética ou, mais precisamente, da inspiração para compor, é único. Quero chamar a atenção do leitor mais ingênuo, desconhecedor das artimanhas do narrador machadiano. O nosso Machado de Assis foi um implacável crítico de sua própria falta de inspiração quando se tratava de poesia (musicalidade, sonoridade) e textos dramáticos. “*Cantigas de Esponsais*” é a obra prima dessa “teoria da criação” na

obra machadiana.

Mestre Romão, protagonista do conto, tenta, desde que se casou, compor uma cantiga esponsalícia. Nunca conseguiu. Em *Um homem célebre*, Pestana é famoso por escrever músicas populares – polcas – e é reconhecido nos salões e nas rodas sociais, pois até mesmo na rua, quando passa, ouve suas composições sendo assoviadas pelos fãs. Ironicamente, Romão não consegue realizar seu sonho, porque, somente ao morrer, ouvindo as notas que nunca conseguiu compor saindo da boca de uma moça casadinha em lua de mel que se mudara para a casa vizinha à sua recentemente, descobre que AQUELAS eram as notas: Lá, lá, lá!!!... Não obstante, Pestana não consegue compor seu clássico arranjo. O narrador sardônico, em todos os três contos, é absolutamente genial. Machado é pura genialidade. E daí?

É aí que entra a história... Ai, ai, meu pai!... Dia desses, apresentaram-me uns livros tipo *comics* (quadrinhos) com contos de Machado. Fiquei em absoluto estado de choque ao ver a substituição do notável narrador machadiano por balões, falas de quadrinhos, etc. e *et cetera*. Pior: trata-se de material de leitura para nossos alunos. Com o tal do *approach* – ilustração – no caso, para aqueles que não se sentem atraídos para a leitura.

Gente, minha gente, meu povo brasileiro, luleiros e olheiros, meu Pai do céu, minha mãe Maria, cantigas de esponsais, aliás, todas as cantigas, inclusive as de macumba, homens célebres, machetes, SOCORRRO! Isso é absolutamente leitura tetraplégica! Ou seja,

exclusiva e estática, sem estímulo para a postura crítica do leitor, para a gênese da prática do conceito de valor, enfim, um cavalo sem bandido. Não sei, mas estão confundindo as coisas. A transcodificação de uma linguagem para outra precisa, no mínimo, de relevância e consistência no projeto estético. Seja na literatura, seja na música, no cinema, no hipertexto, nas linguagens em geral, qualquer que seja o corpo linguístico ou artístico, ou fato cultural – vejamos, coerência e criatividade sim, burrice, não! Mercado editorial, fala sério!





## Os livrinhos que ilustram Machado

Ainda não me conformo com os livrinhos ilustrando contos de Machado. São uma provocação total à literatura maior do autor e principalmente à modernidade das letras machadianas: tentei tirar proveito de ter dado um curso sobre Machado de Assis na graduação da Ufes, neste semestre, quando alunos discutiram mais de perto esta questão dos quadrinhos. Então, se não me conformo, tenho que levar o problema a sua arena: Letras.

Tenho um orientando de Pibic, Hélivio Pires Tolentino, que, ao ser colocado diante da questão, opinou: “Nós, do curso de Letras, acreditamos no intuito machadiano. Certamente, no ato de sua produção, Machado de Assis não pensou que suas escrituras serviriam à ilustração de quadrinhos, senão assim o seria. A banalização de Machado não só afasta possíveis novos leitores da literatura brasileira, bem como deturpa a essência da obra desse grande mestre”.

Pois é! Um aluno de Letras mais atento sabe da importância da obra de Machado de Assis na Literatura Universal e sua recepção entre os leitores da Língua Portuguesa, no mínimo. E os brasileiros, leitores poucos? Na sua maioria...

Rejeitam a leitura dos contos e romances de Machado...

Então, para ter a leitura de Machado, que é cobrada no câncer do Vestibular em todo o país, lançam verdadeiras obras-primas em quadrinho? Não é nada contra os quadrinhos. Isto é uma outra discussão. Mas a tentativa de massificar Machado não deve ter como veículo o quadrinho, por uma questão de estilística mesmo, formal, estética, conteudística, imagística, de matérias-primas, etc. A obra machadiana é feita de palavras, de jogos de linguagem, de uma vanguarda que até hoje alguns críticos ainda não conseguiram enxergar. Machado vanguardista?

Claro! Sempre foi clássico porque sempre esteve atento à realidade brasileira, apesar de ser até hoje um nó cultural deste país. Por isso a imagem/significante do que ele escreveu está na nossa cultura. Sem precisar de quadrinhos. Não é implicância! Vivemos no mundo das imagens? Sim! Simulacros? Sim. Machadianos. Não é um belo conceito? Ou recepção reprodutiva?

Não interessa. Confirmo meu ponto de vista sim! Não contra os quadrinhos, mas contra qualquer inoperante tentativa de transcodificação de linguagem. Dia desses tive que ouvir, não engolir, que “o sonho da literatura é ser cinema”. Olha, isso é a mais completa aberração. O cinema é uma representação mista de uma literatura que lhe dá vida. Inclusive porque lhe dá a condição de ter vida narrativa, dramática, lírica, trágica, etc (vide *Moulin Rouge*). Não me ponho contra a teoria de que a teoria, obviamente, não deve ser estufada; mas está lá! É nela que os críticos ainda encontram um estudo mais sério sobre o valor, uma concepção sábia de fugir de uma conclusão a respeito de Machado de Assis, de

não ouvir crassas informações errôneas a respeito de qualquer assunto. E assim caminha a humanidade!



Perdoem a cara borrada... saudade de muita gente

**(HOMENAGEM A JOSÉ RENATO  
SIQUEIRA DE AZEVEDO, MEU LINDO  
E QUERIDO IRMÃO, HÁ DOIS ANOS  
RECEBIDO E COROADO PELO SOL)**

“Perdoem a falta de espaço...”.

“Quem cala sobre seu corpo consente na tua morte talhada a ferro e fogo nas profundezas do corte que a bala riscou no peito. Quem cala morre contigo, mais morto que estás agora, relógio no chão da praça batendo avisando a hora que a raiva traçou...”.

Saudade do *Botequim*, saudade da *Cave*, saudade do *Personna*, saudade de Winston Churchill, saudade de Celso Cordeiro, saudade de Sergei, saudade de Hervé, saudade de Ângela Bastos (grande voz!), saudade de Cláudio César Soares, saudade de Aluysio pai, saudade de José Renato, saudade de Kapi, saudade de Tito, saudade de Wahib, saudade de Oswaldo Pessanha, saudade de tanta gente, meu Deus!

Ontem, ouvindo Elis, caí em prantos de tanta saudade: saudade do meu irmão queridíssimo que se foi, voou para construir outros mundos porque seus passos sempre foram de GIGANTE alvoroçado na orgia da vida, esta que sorri para nós a toda hora, mas guarda seus segredos: “Não tenha medo... tudo principia na

própria pessoa...". Saudade do Automóvel Clube, do Convívio Social, saudade de Caquinho, saudade do *Pessoal da Orquestra*, saudade da "brincadeira de roda". Saudade de Magdala, de Sandra, de Amélia (as duas). Saudade de Luís Ricardo, saudade de Sandoval, saudade de César Lanes, saudade de Murilo Silva, saudade de Claudinho Campos, saudade de tanta gente, meu Deus!

Saudade de Carlinhos Mignot, saudade de Emil Gazen...

Saudade de ter amado a pessoa que me deu o primeiro beijo, ainda garoto, meu sempre C.

"Até que eu vou gostar se de repente combinar da gente se encontrar".

Mas, como canta a própria Elis, "temos que botar a baiana pra rodar".

Tanta saudade assim pungente não há de ser inutilmente... "A esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar".

De manhã cedo, com a caneta na mão, estava sem luz, comecei a rabiscar... Depois sorri meio sem graça. O que me faz assim feliz de tanta saudade? Vivo e amo tantas pessoas, "Ah, como essa coisa é tão bonita...". Choro de prazer e de agonia. Como entender de ser feliz? De madrugada lembro... Chove... O vinho seco: "são as águas de março..." Agradeço ao destino isso tudo que me faz tão (in)feliz. Este senhor (eu) em quem

me esbarro a toda hora, tão casualmente, “É feito de tanta sombra e de tanta luz...”.

Saudade do mal que a mim você fez: amor – “só deseja mal a quem o beija...”. “Caprichosamente irei esquecendo que te amei”, porém “não ajoelhes!” Tenho saudade da tua figura vergonhosa, é, minha saudade é uma coisa indecorosa!

Sinto saudade de camarote, eu, hein? Saudade da *Unidos da Coroa*, saudade de Amílcar, saudade de Edson Coelho dos Santos, saudade de vovó, saudade de Dedé, cúmplices à margem de minhas insanidades em Miami. Saudade dos saltos altos da *Bonitinha, mas ordinária e da Banda do Leme*. Saudade de Denny Jô. Saudade de Guilherme. Saudade de Alba e Ari. Saudade de tanta coisa, de tanta gente, meu Deus!

Em mim despertaram-se tantas saudades, meu Deus! Em mim começou esse *affair* com a saudade imortal, de vivos e mortos. O que somos, afinal? É Caubi Peixoto quem canta: “E agora me aperta a aflição de chorar... é a seta do arco da noite sangrando-me agora...” Nós, este pântano de solidão! Preparando-nos para outros invernos, no insistente perfume de alguma coisa chamada SAUDADE! “Mas é preciso ter força, é preciso ter manha”, é preciso ter sonho SEMPRE, ter fé na vida. O canto que o outro lembrou! A morte de um irmão é coisa pra se guardar, mesmo que o tempo e a distância digam não, mesmo esquecendo a canção. O canto da saudade vem do coração. Então, SEJA O QUE VIER! Qualquer dia... eu também canto pra subir. O DVD para. O tempo não é para sempre.



\* José Renato Siqueira de Azevedo foi um grande campista, intelectual, professor e escritor. Foi barbaramente assassinado em 2004. Latrocínio. Os quatro bandidos que o mataram foram presos 7 meses após e cumprem pena máxima em presídio no Espírito Santo.

## Leio o Brasil Com os Meus Olhos de Cão de Hilda Hilst

O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto (Antonio Candido)

Seguindo o raciocínio de Antonio Candido, pode-se afirmar que Hilda Hilst, não fosse a profundidade do seu lirismo, do seu escracho e até mesmo da sua pilhéria, estaria fadada ao esquecimento e ao fracasso no sentido mesmo que lhe dá George Bataille. Mas a autora investe todo o tempo de sua elaborada ficção em uma leitura política que provoca no leitor uma familiaridade com o que ele tem de mais recatado: a timidez de suas fraquezas, de seus baixos, de sua pobreza de espírito. Em *Com os meus olhos de cão e outras novelas* (SP: Brasiliense, 1986), Hilda Hilst investe, em um conto de nome "Axelrod", no contraste contínuo, no paradoxo permanente, para nos mostrar as verdades da nossa latinidade e da brasilidade postas de quatro aos olhos do mundo. As definições, aporias, fanfarras

e pilhérias nos são mostradas no limiar do conflito interior e externo de Seo Axelrod Silva, um professor, entre a loucura e a sanidade, borradas no lento fluxo de consciência do narrador hilstiano. Sua prosa erudita, mista de chulo, como entremeio da pilhéria que organiza o discurso antiautoritarista, com traços de romance memorial e ironia machadiana, reflete um grito mudo de angústia, mas de lucidez das nossas passividades diante de uma opressão política e de um comportamento autoritário.

Significante, perolado, o todo dele estendido em jade lá no fundo, assim a si mesmo se via, ele via-se, humanoso, respirando historicidade, historiador composto, umas risadas hõhõ estufadas como aquelas antigas lustrosas gravatas, via-se em ordem, os livros anotados, vermelho-cereja sobre os bolcheviques, pequenas cruces verdes verticais amarelas nas brasilidades revolucionárias, sangue nenhum sob as palmeiras, sangue nenhum à vista, só no cimento dos quadrados, no centro das grades, no escuro das paredes, sangue em segredo, ah disso ele sabia, mas vivo, comprido significativo na sua austeridade era melhor calar o sangue em segredo, depois que tinha ele a ver com isso? (Hilst, 1986, p. 210)

Se o brasileiro vive, no conto, um formato dicotômico de passividade ainda mais pronunciado na alienação

peçoal reprimida, esta performance de nacionalidade sugada pelo imperialismo se sobressai nas novelas do livro. Hilda Hilst vem nos mostrar em seu texto a “palmeira sem sangue”, ou seja, o verde-amarelismo que não luta por seus direitos, seus lugares, tampouco por sua identidade. Desta feita, seu texto-protesto-aviso transcende e a alienação da pátria toma o lugar do sujeito para elaborar um discurso mais nacional/mais universal, que realmente jorre sangue nos quadrados (espaço agonístico, da luta, da constituição de um registro meticuloso de luta, onde os machos brasileiros já agonizam diante de seus discursos oblíquos e inodoros, além de neurótico. Também importante no conto é a confusão sociopolítica em torno de fatos externos da época da ditadura e importantes são as observações que o texto faz a respeito dos vilipendiados – nós:

(...) homens num só ritmo, sangue sempre, ambições, as máscaras endurecidas sobre a cara, repetia curioso, curioso meus alunos a verdade é nil novi super terram, nada de novo, nada de novo professor Axelrod Silva? Nada, roda sempre cuspidando a mesma água axial a história meus queridos, feixes duros partindo de um só eixo, intensíssima ordem, a luz batendo nos feixes e no eixo em diversificadas horas é que vos dá a idéia de na história nada se repete, oh sim tudo, tudo é um só dente, uma só carne, uma garra grossa, um grossar indecomponível, um ISSO para sempre. (Ibid.)

A narrativa complexa, combinando memória, crônica e conto, divide o Professor Axelrod Silva, um professor culto, protagonista, atravessando vários traumas provocados por dilemas pessoais e por dilemas patrióticos, nas mãos do aparato repressivo político, tão presente ainda no Brasil, hoje. Para tal, Hilda joga o protagonista em um mergulho pátrio-memorialista, que lhe dá como atividade terapêutica o narrador, o que lhe permite, e a nós leitores, meditar sobre a repressão e as condições de nossa latinidade cada vez maior dia a dia, dialeticamente.

## O coronel, o lobisomem e os arquétipos

A Teoria dos Arquétipos de C. G. Jung pressupõe ao centro íntimo da personalidade, núcleo profundo da psique, um caráter inconsciente simbólico e o denomina “self” ou “si mesmo”. Este, quando em processo de “personificação do arquétipo...”, é representado, ou comumente visto em símbolos oníricos e em obras de arte, quando pode ser percebido em personagens emblemáticas, muitas vezes mágicas; ou, quando o “si mesmo” é caracterizado pictoricamente com símbolos que lhe remetem ao círculo, à esfera, às *mandalas*, ao Mago Merlim, ao *Anthropos*...

Esse sujeito, que difere da personalidade consciente do indivíduo, é dotado de “uma natureza inatingível” e, logo, alvo de um processo muito maior e complexo, que Jung diferenciou como a função transcendente, o chamado processo de individuação: “É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição; em geral, esses símbolos são formas *quaternárias* e *círculos*. Chamei a esse processo de processo de individuação” (JUNG, Obras Completas, 1997, VII /1, p. 101).

A busca por esse equilíbrio do inconsciente é fator

primordial para a psicologia psiquiátrica quanto ao tratamento de psicopatologias, ou busca pelo autoconhecimento, e alvo de um extenso estudo. Mas em que aspectos a teoria de Jung sobre o “si mesmo”, explanada aqui de forma muito concisa, pode contribuir para o árduo processo de lapidação de um sujeito contemporâneo e sua performance na literatura?

Dentre os vários aspectos, há uma utilização dos símbolos do “si mesmo” de nosso inconsciente coletivo para identificar e confirmar as nuances e problemáticas do sujeito personagem no pós-moderno, enquanto alegoria da transcendentalização, dialogando com a análise literária. Não citarei abordagens sobre o processo criativo, ou do sujeito-autor da obra literária.

Para buscar o equilíbrio de que trata Jung, uma sociedade precisa, por meio dos arquétipos, resgatar sua memória para ter a base de uma sociedade melhor. Para tal, é necessário que se estude a fundo sua literatura telúrica, sua poesia, seu teatro, sua música, seu cinema, suas entranhas culturais. Por isso, POESIA RUIM, SOCIEDADE PIOR!

Arquétipo significa um “*typos*” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caráter arcaico que, em forma e significado, encerra *motivos mitológicos*, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore.

*O Coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, na figura da personagem Cel. Ponciano de Azeredo Furtado, nos diz bem dessas questões: “Já o antigamente

em que eu mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a administrar. Só de uma regalia não abri mão nestes anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração; Fosse em compartimento de governo, fosse em sala de desembargador... Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte abro o peito: Seu filho de égua, quem você pensa que é?"





## Tem que pagar o aluguel

Oi. Saudações a todos e à VI Bienal. Tenho andado meio estranho e aborrecido ultimamente com as promissórias morais assinadas comigo. Danos morais e materiais (que estão sob o olhar do martelo da justiça). Vão desde convites que se esvaíram no marasmo da insustentabilidade cultural ao Projeto de meses de trabalho para se fazer uma feira literária, caso a VI Bienal não saísse. Pois, para o bem de todos e felicidade geral dos goytacazes-guaçu, ela saiu. Avelino Ferreira pagou o aluguel. Minha avó sempre me falava: “Filho, paga antes o aluguel!”.

A I Feira Literária de Campos dos Goytacazes – projeto que somente teria sentido se a Bienal não ocorresse, obviamente –, não acontecerá mais em Campos dos Goytacazes. Tomou outro destino. Foi abraçada (com outro nome) pela lei Rubem Braga e será realizada em Vitória, onde tudo é *redemunho* no vento sul da ilha. Graças a ele!

Por que agimos assim? Acredito que mesmo a “oca cultural” mais genuína não merece descaso ou disputa. Se fazíamos um projeto para suprir a falta, estando acontecendo, e tomara que tenha correspondido ao público e aos seus organizadores, pois, para mim, um nome como Sérgio Sant’Anna, autor que pesquiso atualmente (ver Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq), sozinho já teria abrihantado a festa.

Não torço absolutamente para a falência cultural campista. Pelo contrário, gosto de Campos, venho sempre a Campos, mesmo tendo minhas restrições intolerantes em virtude de seus governantes e de seus arautos da cultura. Mas isso já é outro papo.

Li, emocionado, bem recentemente, o livro de Poemas de Heloísa Raposo, assim como li os ensaios de Arlete Sendra e Joel Ferreira Mello, da coleção Múcio da Paixão, meu Patrono na Academia Campista de Letras. Estas pessoas são fundamentais para o lema “Poesia Ruim, Sociedade Pior”, que defendíamos como mote da Feira em Campos.

Vale ressaltar, aqui, o grande empenho de Nana Rangel, Diretora de Literatura da FCJOL, que trabalhou loucamente para que a Bienal, de fato, acontecesse. Nana está segurando a barra nessa caatinga-vida-seca que é a miséria cultural campista.

No entanto, quero ressaltar que a Fenorte, a Uenf, eu e todo o grupo da cultura alternativa, Nação Goitacá e outros, assim como as Instituições de Ensino superior, ficamos devendo a homenagem à Profa. Dra. Ruth Maria Chaves Martins. O que eu teria a dizer? Obrigado, Dra. Ruth, por ter me tirado da arquitetura e ter me empurrado para a Teoria Literária. Foi minha ascese maior e devo-a a você!

Beijos de Vilma Arêas, Zezé Motta, Wilberth Salgueiro, Jurema Oliveira, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Arnaldo Jabor, Paulo Henrique Amorim, Eliana Yunes, Regina Sardinha, Levi Quaresma, Mamãe, Kapi, Chico

Aguiar, Roberto Barbosa, Regina Tonneli, Rita Maia, Adriano Moura, Arlindo Cruz, Diego Nogueira e tantos outros que estiveram ou estavam envolvidos no projeto. Você é inesquecível.

Você é “Meu Coronel, Meu lobisomem!”

Ainda espero que paguem o “aluguel”!



## “CQC” – bichas neonazistas

Estou diante da Revista da TV. Sempre estupefato quando o assunto são os fascistas neoliberais do “CQC”. Humoristas de preto, os três comediantes que integram a tropa do “CQC” estão ensaiando carreiras solo em novas atrações da Bandeirantes. O primeiro a alçar voo foi Rafinha Bastos, que estreou, no último dia 4, à frente do jornalístico “A liga”. O próximo da fila é Marco Luque, que apresentará o programa de variedades “O formigueiro”, em julho. E, por fim, Danilo Gentili ganhará um *late show* para chamar de seu, no fim do ano ou início de 2011. Marcelo Tas, o comandante da turma, deixa claro que todos sabem que o “CQC” é “prioridade”.

Estupefato com o tipo de humor que fazem, quero citar, na íntegra, texto de Luis Eustáquio Soares sobre os fascistas:

“Sem dúvida, constituem um tipo de humor neoliberal, porque detém todos os traços acumulados da sociedade neoliberal sem culpa e arrogantemente plena de direitos civis a, belicamente, caçar e cassar tudo que signifique possibilidade de outro mundo, de direitos sociais, econômicos e políticos, agora usados e abusados como o lugar do deboche, do escracho e da corrupta anacronia, em nome dos narcísicos e estilizados direitos civis concentrados nas mãos de poucos.

Tudo isso começou na TV brasileira com o “Pânico na TV”, cujo primeiro programa veio ao ar, na Rede Vida, em 2003, tendo como protagonistas jovens de classe média, alguns dos quais vestidos de terno e gravata como os neoliberais econômicos, os *Chicago Boys*, os quais, como gênios da raça, implantaram a primeira experiência neoliberal em um país, o Chile da década de 70, após a política de terra arrasada do golpe militar contra os direitos sociais, políticos e econômicos.

Na semana passada, por sua vez, inaugurou-se, na TV Record, outro programa de humor neoliberal, “Os legionários”, com Felipe Solari como heróico e sarado jovem, um *Chicago Boy* da cultura neoliberal, com seus autoconfiantes e narcísicos trejeitos despojados, a própria encarnação classe mediana da rusticidade dos direitos civis: politicamente correto e ecologicamente consciente. Uma caricatura roqueira do *american way of live*, como os filhos de Eduardo Suplicy, os quais, não sem razão, têm, hoje, um programa na TV que, não obstante ser mais interessante, é igualmente marcado pelo mesmo impulso neoliberal jovial despojado e americanizado.

Tudo para inglês ver. Não sem motivo ele, o Felipe Solari, e seu grupo de “jovens criativos” aparecem cantando em inglês, a língua oficial do neoliberalismo dos direitos civis grupalmente ampliados, além de ser a língua do modelo de jovem neoliberal, como uma mercadoria, copiada e imitada pela juventude neoliberal de todo o mundo dito civilizado, fabricada, tal jovem-mercadoria, nas fábricas estilizadas de roqueiros porra- loucos, norte-americanas.

Quero, no entanto, deter-me no CQC, o neoliberal grupo de humor da TV Bandeirantes, pelo que esse grupo tem de pretensão bem-humorada de humor marcado pelo ímpeto moralista de denunciar as mazelas corruptas da política brasileira.

Parafraseando o texto de apresentação do grupo CQC, encontrável no sítio da TV Bandeirantes, afinal de contas são sete homens vestidos de preto, usando inseparáveis óculos escuros e tendo como principal marca o *slogan*: custe o que custar. Desde que não seja, é claro, o próprio emprego, garantido de antemão pelo venal papel neoliberal que cumprem, com humor e espírito bélico, bons soldados, da justiça dos direitos civis para poucos, que são. São eles: Marcelo Tas, Rafinha Bastos, Marco Luque, assumindo a bancada, Danilo Gentili, Felipe Andreoli, Rafael Cortez, Oscar Filho, além da oitava “custe o que custar”, Mônica Iozz, a metonímia às avessas, por ser uma espécie de mulher maravilha de tudo pela justiça, de um grupo composto por machistas super-homens, no jovem sarado e impositivamente universal perfil americano bélico autoconfiante, que costumam orgulhosamente exhibir, como a quintessência do *american way of life*.

À moda dos *Chicago Boys*, incorporam, também, além do terno preto e dos óculos escuros, outro importante traço Frankenstein: a carrancuda autoconfiança militar, no estilo americano mesmo, como se fossem os bélicos promotores da democracia dos direitos civis, pelo bárbaro e inóspito mundo da corrupção política brasileira.”



Não sem razão, a propósito, CQC é sigla para *Close-quarters combat*, um tipo de ação militar que tem como objetivo desarmar o inimigo pelas costas. CQC, portanto, é estratégia militar dotada de forte conteúdo sexual, de estupro. Uma jovem machista bélica técnica neoliberal de humor-estupro criado na Argentina, em 1995, com o nome de Caiga Quien Caiga, tendo sido também programa da TV portuguesa, Caia quem Caia, da chilena, Caiga quien Caiga; da italiana, Le Iene, países pertencentes à cultura neolatina. Falta de falo! Ou pênis pequeno neoliberal. Ou vontade de dar sem poder! Nazo-bichas enrustidas! Fedem.

## Silêncio, contemplação e escrita

O editor Pedro Paulo de Sena Madureira, em palestra, identificou como uma das causas desse mal brasileiro – variante intelectual da saúva – a quantidade de autores ou candidatos a autores, sem a devida correspondência em leitores, as poucas oportunidades de afirmação social e econômica no país, levando grande número de pessoas a buscar a carreira artística. Como todo mundo domina mais ou menos a língua, ao contrário da música e do desenho, daí para a tentação de escrever um livro é um pequeno passo.

Para Sérgio Sant’Anna, um dos nossos maiores escritores da atualidade, “começa também aí uma série de infortúnios para o sujeito. O primeiro deles seria uma perda imediata da capacidade de viver espontaneamente. Tomem-se alguns exemplos simples como os atos (ou não atos) de assistir ao anoitecer ou ver e ouvir a chuva. Para qualquer ser humano dotado de sensibilidade, isso pode ser oportunidade para a contemplação, a meditação desinteressada e até a integração com algo mais vasto. Para o escritor, não; para ele, toda vivência, inclusive a convivência com o semelhante, é encarada de forma utilitária, material, passível de transformação, ainda que em frases do tipo: ‘Os pneus chiavam no asfalto e as poças d’água refletiam os letreiros luminosos’. Quando se trata da convivência no amor, o risco de perda existencial é

ainda maior.”

“Muito já se escreveu sobre a arte da poesia, ou da narrativa, mas nada sobre essa outra arte tão dura e demandante de rigor que é a de silenciar quando não se tem o que dizer, ou o desejo de dizê-lo, ou, principalmente, os recursos para tanto. Preencher essa lacuna para aqueles que se iniciam na atividade literária, ou aqueles, veteranos, que se veem impelidos a continuar simplesmente por que começaram é primordial.”

“Aos aspirantes a escritor que se sentem torturados pela desconfiança de que não têm aptidão para o ofício, pode-se dizer que, quase sempre, estão certos. Mas é bom lembrar que somente os que duvidaram da própria incapacidade, através da ação, tiveram a oportunidade de confirmá-la. E também que escrever talvez seja, em grande parte dos casos, muito mais o exercício de uma vontade, às vezes férrea, do que a realização de uma vocação irreprimível, como aquela de um Rimbaud (mesmo assim parou logo) ou de um Jarry, que escreveu o seu primeiro *Ubu* para gozar um professor.”

“Ainda para Sant’Anna, “poderiam esses dois exemplos insinuar que a grande pergunta ao pretendente a escritor é se as suas palavras fluem, com a espontaneidade do sentimento, dos seus corações e mentes diretamente para a folha de papel ou tela do computador? Se a resposta é *sim*, deve-se desconfiar em dobro, pois, não suportando a literatura qualquer tipo de primitivismo, é muito provável que as composições

nascidas desse fluxo se tornem um lixo ainda mais visguento do que aquele produzido pelo mero esforço. Este último, quando nada, pode servir também para o saudável exercício de cortar palavras, às vezes até a última delas.”

“Mais além: trabalhar com um computador, para os principiantes na informática, implica ainda um outro risco: pelo simples fato de conseguir alinhar frases e parágrafos o artista pode acreditar-se um gênio.”

“Mas, afinal, aonde se quer chegar? Àquele velho lugar comum, que os escritores repetem em entrevistas, de não sei quantos por cento de inspiração para não sei quantos de transpiração? Ou a alguma definição como a do coreógrafo Maurice Béjart, a propósito de Baudelaire, de que o poeta é um misto de delírio (palavra algo perigosa) e disciplina (palavra algo militar)? Não propriamente, pois não se trata, aqui, de um guia com o objetivo de introduzir ou aprimorar pessoas nos procedimentos do ofício literário, mas, ao contrário, de auxiliá-las no caminho da abstenção, entendendo-a como virtude e fenômeno produtivo do ponto de vista social e individual. À inflação, como se sabe, corresponde uma quantidade excessiva de papel-moeda sem o devido lastro em bens. Literariamente, isso equivaleria a um excesso de palavras para pouco ou nada a dizer, fenômeno bem brasileiro que remonta à Colônia e ao Império – seguindo adentro pela República – com seu bacharelismo beletrista. Trata-se, basicamente, de enrolar as gentes, com o discurso do jurista, do político e do homem de letras, isso quando as três condições não coexistem num só homem, espécime

que teve o seu representante mais notável em Rui Barbosa. Uma perda de substância da linguagem, enfim. Em oposição a essa estética do latifúndio trabalhariam os escritores anti-inflacionários, ecologistas da palavra, como Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto, tratando de escrever menos e melhor.”

Sérgio Sant’Anna folosofa, assim, sobre a arte de escrever nos dias atuais.

## O Parque das Felicidade de Bernadette Lyra

Ao falar de Bernadette Lyra, Francisco Aurélio Ribeiro (1990, p. 41) afirma ser a escritora “um nome ímpar na literatura capixaba contemporânea.” Concordo. A gênese da sua alta literatura está no livro de contos *As contas no canto* (1981), premiado no Concurso Fernando Chinaglia, que apresenta como marcas principais a extrema capacidade de síntese (contos com cerca de dez linhas), um gênero muito caro à autora, e lirismo aliados à acidez, à ironia e uma postura cética diante da vida, das mazelas da burguesia e do barroquismo humano – contradições, paradoxos e ambiguidades. É uma autora que “persegue o sublime por vias avessas, sempre na tentativa de violá-lo, por meio de uma clara e intensa excitação dos narradores pelo perverso e insólito” (AZEVEDO FILHO, 2006, p. 23) originados em sua força imaginativa. O texto de Bernadette é caracterizado, vigorosamente, desde seus primeiros contos, pela transgressão, aquela que alfineta tabus. Rompe com o cânone ao convidar o leitor a “olhar” os clássicos de modo a (des)construí-los e pastichá-los, sempre que nos propõe uma aproximação para (re) pensar as convenções e a ordem estabelecida. Assim, sua poética assume o culto do (re)novo, do (re)lido, do dialogismo e da farra intertextual para estabelecer uma contemporaneidade que tenta romper com a tradição, apesar de sempre se justapor a ela quando a revisita. Exemplo mais concreto é o esplendoroso conto “Branca

de Neve e um Anão” (AZEVEDO FILHO, 2006, p. 21).

Em *O Parque das Felicidade*s, a autora retoma todos estes aspectos no maravilhoso conto que dá título ao livro e no “A História da menina”, com 11 relatos: “A gata malhada”, “O mar”, “As lambadas”, “A partida”, “A mulher que sabia benzer espinhela caída”, “A história que contou o jovem de olhos cor de açúcar queimado”, “A história que o barqueiro contou”, “A cidade do outro lado da boca do rio”, “O Moço corcunda que foi escravo das lavadeiras”, “A bela dama sem pernas” e “A espera e o fim”. Episódios. Calidospiamente expostos.

O pastiche vem realmente trazer a relação fantástica de Bernadette Lyra com elementos simbólicos e, já em *O Jardim das Delícias*, isso pode ficar muito claro para o leitor, pois “não se trata de novidade a busca intensa da autora em ocultar segredos em figurações (imagens e palavras) enigmáticas sempre presentes em suas narrativas” (AZEVEDO FILHO, 2006, p. 36). Em *O Jardim das Delícias*, os vinte e um contos são carregados de crítica, ironia, negação do amor e amargura. A escrita de Lyra é pincelada pela constante presença de elementos que representam maravilhas e horrores, personagens míticas, anjos e arcanjos, erotismo, ironia gótica, feminismo ao avesso, entre outras temáticas que formam o jogo de figurações e decifrações com que a sua ficção joga. Isso tudo estará também presente em *O Parque das Felicidade*s (São Paulo: A Lapis, 2009).

Tive o prazer de orientar alguns trabalhos sobre esta poética tão sedutora (em todos os sentidos) e destaque, aqui, o trabalho de Janine Bessa e Leonardo Lúcio sobre

“O alado nos contos ‘O dourado e o negro’ e ‘No ar seu elemento’, textos de *O Jardim das Delícias*”.

Em “O dourado e o negro”, segundo os estudiosos citados, “o corpo é detalhado parte a parte, fragmentado, da visão do arcanjo, detalhe muito profícuo para a narrativa de tónus religioso e erótico, pós-moderna, onde ‘sagrado e profano’, um dos lemas eternos do barroco e do pós-moderno se unem ao masoquismo, também constante em todos os imaginários frutos de repressão”. O sacristão é então muito contemporâneo, pois não? Quanta lucidez, quanta inumanização.

Se em “No ar seu elemento”, o conto retrata a sanidade, a rispidez dos sádicos e a fluidez da loucura em oposição à realidade (o que é realidade?), a ação do alado nos dois contos também se antepõe, pois o arcanjo é passivo em relação ao sacristão, uma vez que é inanimado. Já o ser com asas é ativo para com a mulher que o socorreu, sempre reagindo às suas atitudes e por fim abduzindo-a.

Como a narrativa de Lyra sempre tomba para o desvendamento incompleto e passageiro das personagens, estas são espelhos, são miragens, rostos do outro, duplos, parcialmente desnudos, e por isso sua narrativa é infinitamente mais reveladora pelos corpos, pelas atitudes e pela significância do outro no campo do mesmo, da retidão da normatividade, da fenda da máscara na desgraça dos arranjos hipócritas!

O que mais me encantou no livro *O Parque das Felicidade*s, no entanto, foi “Sopa de aspargos”: “Estava eu a tomar



uma sopa de aspargos, quando um anjo caiu-me no prato” (p. 79). Confesso que era tudo que eu queria ler! Mais uma vez: anjos cadentes! Só que agora comidos por gatos, viram bolha de conhaque. Mais uma vez insólita ilha, esta ficção de B. Lyra.

Tomo Bernadette nos braços e todos nos aplaudem!

## O romance histórico contemporâneo

Refletindo, juntamente com os meus alunos de pós-graduação da Ufes, sobre o romance histórico contemporâneo, não pude deixar de voltar a mapear os lugares poéticos, em *A Viagem do Efeante*, de José Saramago, sempre carregados de tintas para descrever a inesgotável generosidade da imaginação que preenche os espaços vazios deixados pelo mundo real, e inventa “chaves para abrir portas órfãs de fechadura”. Vem nos dizer, a todo momento, que o melhor lugar do mundo é mesmo o do mentiroso, do romancista. Uma resposta e tanto para quem acha que o livro vai acabar e que a narrativa está à beira da morte. O fato histórico pode vir a sugerir outros fatos históricos e esta trucagem é o ponto de partida para José Saramago criar uma ficção que é repleta de fantasias, ironia e humor. A estes recursos se referem o rei e o seu secretário logo no início da narrativa: “... as fadas que presidiram ao meu nascimento não me fadaram para o exercício das letras, Nem tudo são letras no mundo, meu senhor”, porém ironiza: “ir visitar o elefante salomão neste dia é, como talvez se venha a dizer no futuro, um acto poético” (p. 17). Obviamente e à propósito, o rei pergunta ao secretário o que é um acto poético, ao que este lhe responde: “Não se sabe, meu senhor, só damos por ele quando aconteceu, Mas eu, por enquanto, só tinha anunciado a intenção de visitar o Salomão, Sendo palavra de rei, suponho que terá sido o bastante, Creio

ter ouvido dizer que, em retórica. Chamam a isso ironia” (Idem).

Clara é, também, a metáfora executada nas 258 páginas de escrita precisa e depurada: *A Viagem do Elefante*, por planícies abrasadoras, serras geladas, chuva e nevoeiro, é a longa marcha dos homens, a Viagem de qualquer um de nós para o lugar que sempre nos espera: a morte. “Custa é saber / como se emenda a morte”, uma poética de espaço bastante cara à literatura, escreveu Luiza Neto Jorge, e esta narrativa de José Saramago parece responder-lhe, ao emendar a morte com o gesto da escrita que, concretizada em extrema debilidade física do Nobel português, espanta pela alegria, pelo humor transbordante, pelas lições de amizade, pelo vigor saramaguiano da crítica social, política e religiosa, temperadas, reitero, com ironia imbatível.

Como já foi dito, a ideia para narrativa surgiu de um acaso, que o autor explana, numa breve nota, na primeira página. Num restaurante em Salzburgo, chamado “O Elefante”, repara numa pequena escultura em madeira da Torre de Belém e é informado que tal se deve ao registo de um itinerário feito por um elefante, que em 1551 foi de Lisboa a Viena. Restava enfrentar a poalha do tempo, “levantar as pedras do passado para perceber o que há por baixo delas”, recorrer à “inesgotável generosidade da imaginação”, “abrir portas órfãs de fechadura ou que nunca a tiveram”, “preenchendo as lacunas o melhor que se pode”, gizar tudo na escrita que não conhece vedação, imprimir-lhe o registo contínuo e sem paragens, obtido pelas supressões de marcas gráficas nos diálogos, “em

suspensões quase de alma”, como referiu Luís M. O. Cardoso sobre a subversão da escrita de **José Saramago**.

Estava encontrado o herói da épica caminhada, o espelho onde nos revemos, o paquiderme Salomão que, não obstante ter nome de rei mítico, é súdito dos homens e juguete dos seus caprichos – viera da Índia por vaidade da coroa portuguesa, seguira para a Áustria onde, pouco depois, morreria, e as patas que fizeram a hercúlea caminhada acabariam em bengaleiros decorativos. Com Salomão, surgem na narrativa o indiano Subhro, seu inseparável cornaca e amigo, o comandante de cavalaria português, e amigo de ambos, e a reflexão sobre o curso da existência humana, com os seus desejos, sentimentos, intenções, e desvios – lugares poéticos – , pois, diz-nos o texto, “a representação mais exacta da alma humana é o labirinto. Com ela tudo é possível”. Com a alma e com as nações, porque estas são o retrato das almas que as dirigem, caminho para a crítica a Portugal. Habilidade, a crítica à Pátria desenrola-se em inúmeros episódios, como este, retirado dum diálogo no Portugal profundo: “Nunca a viste, perguntou o comandante lançando-se num raptó lírico, vês aquelas nuvens que não sabem aonde vão, elas são a pátria, vês o sol que umas vezes está, outras não, ele é a pátria, vês aquele renque de árvores donde, com as calças na mão, avistei a aldeia nesta madrugada, elas são a pátria” (p.61). Afinal, para o mesmo caminho a caminhada é desigual, “também o frio, quando nasce, é para todos, diz-se, mas nem todos apanham nos lombos com a mesma porção dele. A diferença está em viajar num coche forrado de peiças e mantas com termostato e ter de caminhar sob açoite

da neve por seu pé ou com ele enfiado num estribo gelado que oprime como um torniquete” (p. 222). Na desigualdade da caminhada e nas curvas do caminho, faz-se a coreografia humana de contraste entre os poderosos e os humildes.

## O Teatro de Rua

“As ruas das cidades latino-americanas apresentam, hoje em dia, uma grande diversidade de práticas teatrais que expressam um movimento espetacular recente, mas, sobretudo dinâmico, que constitui um elemento fundamental para a compreensão dos discursos teatrais latino-americanos deste fim de século. As manifestações de teatro de rua que observamos no Brasil estão diretamente relacionadas com os processos de criação cujas raízes se relacionam com o período final do regime ditatorial, durante a chamada etapa de transição democrática dos anos 80”, afirma André Luiz Antunes Netto Carreira.

Ao parabenizar a iniciativa do CPC (Centro de Conservação do Centro), que promove o I Festival de Teatro Aberto de Campos, quero tecer, neste espaço, algumas considerações sobre como o teatro de rua é percebido. Antes de mais nada, o teatro aberto de rua é uma prática artística que se contrapõe aos discursos autoritários – enquanto forma de apropriação do espaço urbano –, surgindo como o interrogante de como os teatristas de rua se relacionaram e enfrentaram o regime militar e os discursos autoritários que predominaram no país nas décadas de 60, 70 e 80, e articularam a reconstrução das práticas criativas do teatro de rua no seio do novo regime político de signo democrático. No caso de Campos, seria também, agora, uma prática de resistência à atual gestão de cultura do município e

suas políticas também autoritárias e de descaso.

Analisando a produção de teatro de rua do período dos primeiros anos posteriores à ditadura militar, observa-se uma peculiaridade no processo de criação dos realizadores desta modalidade teatral: os jovens criadores surgidos no período democrático afirmavam, em seus discursos ideológicos, possuir vínculos históricos com as experiências teatrais de rua realizadas no período anterior ao golpe militar, e percebiam seus trabalhos como continuidade ou superação crítica das experiências anteriores, reconhecendo-se, assim, como parte de uma tradição bem definida de teatro de rua. E em Campos? Quem vem como elementos da comissão de frente do evento? Os excluídos, por questões ideológicas, das discussões (se é que elas existem) em torno do teatro e da cultura lato sensu na Campos dos Goytacazes.

Esta é uma curiosa situação, pois, se consideramos que durante o regime militar não houve um desenvolvimento amplo das práticas de teatro de rua, e que o intercâmbio com as experiências de outros países foi limitado, chama a atenção que os novos grupos fizessem referências a práticas artísticas às quais somente tiveram acesso de forma fragmentada, e em geral por meio de informações bibliográficas ou de fontes orais secundárias. Contudo, é importante destacar que foram justamente estas imagens fragmentadas as que serviram como ponto de partida para a reconstrução do teatro de rua nos anos 80. Isso ocorreu porque os grupos se lançaram a fazer teatro de rua a partir de 1984 e, agora, creio que se pode afirmar que constroem seus projetos

e discursos como base a um processo de mitificação, que se articulou pelo pensamento dominante no teatro brasileiro que considerava que o teatro de rua é uma modalidade teatral fundamentalmente militante, que pertence ao campo de ação política da cultura popular, e se constituiu como instrumento privilegiado na reconstrução democrática do país. Não menos importante é o movimento em Campos com o I Festival Aberto. Orientados por esta conceituação os grupos se organizaram e encontraram elementos de coesão para exercer sua prática teatral no espaço público. Esta concepção de teatro de rua opera como referencial, pois este caráter político/popular funcionou como fator propiciante do retorno ao espaço da rua que constituiu um âmbito para o combate político dos artistas. Como o teatro de rua surgido depois da ditadura militar foi fruto do esforço e tenacidade de uns poucos teatristas que se lançaram às ruas no calor do sentimento de liberdade que dominou a sociedade a partir das campanhas políticas que contribuíram para o fim da ditadura militar (Comitês pela Anistia, Diretas Já, etc.), em Campos, nossos teatristas seguiram o caminho aberto pelos grupos que, nos anos 70, se propuseram criar espaços teatrais em comunidades e trabalharam em colaboração com organizações da sociedade organizada, sindicais e políticas. As limitações impostas pela política de cultura do atual governo contribuíram para criar um grande vazio no que diz respeito a espetáculos teatrais na rua. Isso aprofundou a ruptura com os elementos do teatro ao ar livre próprios da tradição cultural brasileira. No seio de uma sociedade que atravessa um período de transição política, os grupos procuraram um posicionamento político-social



dentro de um panorama de transformação, e isso se dá, neste Festival, no marco da definição do modelo teatral que cada grupo tomou como referência no seu processo de formação e produção. Formidável iniciativa do CPC!

## Uma experiência de autor

Aconteceu, sexta, 28/05/2009, no auditório do IC-IV, no campus de Goiabeiras, da Universidade Federal do Espírito Santo, o II Colóquio do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Transgressão - Espírito Santo (Geites), Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Transgressão e Linguagens (Neitel), do Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado e Doutorado em Estudos Literários, Departamento de Línguas e Letras, cujo tema, *O Romance Histórico Contemporâneo*, foi abordado na palestra “A apropriação da contextualidade histórica no texto literário: uma experiência de autor”, pelo escritor e historiador Luiz Guilherme Santos Neves. Tive o prazer de participar como debatedor da mesa temática, ao lado de Cláudia Fachetti Barros, com um público bem seletivo de estudantes de Letras, História, Filosofia, Artes e docentes de diversos Centros e Departamentos da Universidade.

Na abordagem do tema, o escritor Luiz Guilherme falou para todos da gênese de seu reconhecido romanceiro, o texto teatral *Queimados*, baseado em fatos históricos sobre a Insurreição de Queimados. É interessante frisar que, como historiador, sua voz se dobra para a literatura que considera, enquanto prática cultural e ato de criação, um “mistério”. Ao tecer comentários sobre a precedência da escrita literária, Neves citou Borges várias vezes, referindo-se ao “Disseram-me algo a tarde

e a montanha. Já não lembro mais.” Ou seja, o artefato literário repousa no autor e, na maioria das vezes, vem à tona, sem que ele perceba, pois estava sepultado e se desloca, inumado, para o texto fictício, tornando-se a matéria-prima do romance que necessariamente toma a história, no caso dos seus, para traçar a linha leitor-pista-obra no imaginário literário-receptivo.

Ficamos todos, mesa e auditório, muito envolvidos durante a palestra, sobretudo por se tratar de um autor da alta literatura romanesca se desnudando, desvelando máscaras diante de nós – algo que a Crítica Textual, acentuadamente crescendo no meio literário, tem valorizado tanto: a matriz que se desdobra em duplos para produzir o sentido da obra aberta e polissêmica. Exemplificou com a matriz “Maria Ortiz”, mito consagrado que, no inconsciente coletivo, significa a resistência à invasão dos holandeses jogando neles uma panela de água fervente e, assim, expulsando-os, transformada em Maria Capa Homem, Maria Tapa Homem e a Menina. É uma maneira flexível de tratar a história, pois:

- 1) Na sua literatura histórica contemporânea irrompe uma poética repleta de figuras, articulações e micronarrativas que, pela sua singularidade contagiante, acabam repondo, senão mesmo fixando, temários fundamentais: o amor e a morte, o poder, a mentira, a intolerância e a hipocrisia, o desengano, o fatalismo, a História enquanto movimento (com os seus nexos e projeções na atualidade), a abolição das fronteiras do tempo, o tropismo depredatório do homem

em comunidade, o caráter mutável dos entes e das coisas, a utopia de uma nova gênese que ao universo restitua o quanto fomos destruindo. E também a contingência, a procura da verdade, o sortilégio do imprevisível, a convocação lírica, o epigrama, um diálogo penetrante com o cotidiano, as tensões dialéticas entre o efêmero de cada realização e a sua apetência de perenidade.

2) A esta luz, poder-se-á enfatizar uma vocação gnoseológica, tecida de conhecimento adquirido e busca permanente, sem recusar o enigma, o lúdico, a prestação motriz do imaginário, criando uma prosa eivada de “lugares poéticos”. Por outro lado, não obstante uma desconfiança radical na regeneração da espécie a que pertencemos, traça em *As Chamas na Missa*, por exemplo, personagem tão rica e, ao mesmo tempo, tão contraditória, mas com importante papel na narrativa, que é Leonor Aranches.

3) Os lugares poéticos, sempre carregados de tintas para descrever a inesgotável generosidade da imaginação que preenche os espaços vazios deixados pelo mundo real vêm nos dizer, a todo momento, que o melhor lugar do mundo é mesmo o do mentiroso, do romancista. Uma resposta e tanto para quem acha que o livro vai acabar e que a narrativa está à beira da morte. O fato histórico pode vir a sugerir outros fatos históricos e esta trucagem é seu ponto de partida para criar uma ficção que é repleta de fantasias, ironia e humor.

4) Mestre na harmônica do tempo, o autor Luiz Guilherme S. Neves cria um narrador que acompanha a ação, comenta e critica, sempre numa dialética ativa entre passado, presente e futuro, enredando o leitor no *criticismo* de quem olha de frente o mundo para o conhecer.

Grande literatura! Esta da (re)constituição do tempo histórico no seu espaço romanesco.

## As obras pós-modernas

As obras pós-modernas são frequentemente vistas como desprovidas de sentido, mas é preciso atentar para o fato de que o sentido é algo construído a partir de intertextualidades, com teorias para tentar explicá-las, com relações e limites evidenciados pelo processo de construção e materialidade do texto, respectivamente, pois um texto, como se sabe, pode ter muitos sentidos, mas nunca um sentido qualquer. Os três conceitos básicos que são discutidos e buscados na teoria hoje são a indeterminação, a ironia e o jogo. A indeterminação surge do não reconhecimento de metanarrativas, do “excesso de ambiguidades, rupturas, deslocamentos e descanonização” que, por sua vez, ficam evidenciados na ausência de limites, de referenciais de espaço e de tempo, em função da velocidade com que as imagens são produzidas e apresentadas no mundo contemporâneo (MENEGAZZO, 2004, p. 67-68). O discurso pós-modernista se constrói sobre recortes de discursos anteriores, o que permite e obriga o leitor a aceitar o fragmento e buscar seu sentido parcial. A ironia tem como marcas a reflexão e problematização das formas de representação. Através do olhar irônico, a narrativa é colocada em questão, desnortada e descanonizada e incentiva o leitor a analisar criticamente o discurso construído e, nisso, o intertexto passa a ser um dos principais recursos irônicos da linguagem pós-modernista. Já o jogo,

que sempre ocupou lugar privilegiado na relação obra e leitor, é pensado como o inesperado que advém da indeterminação e da ironia. Para Jameson, o pós-moderno deve ser relacionado ao surgimento de novas características na cultura em consonância com o surgimento de nova classe social e sua ordem econômica. Com tantas consequências, vê-se aparecer como questão de destaque o fim do individualismo do sujeito. Isto dá lugar ao que Jameson chama de ironia vazia – pastiche –, que toma o lugar da paródia. Mas pastiche vai além dos conceitos de Jameson; significa recuperar estereótipos passados, apresentando-os como peças de um jogo, recontextualizando o texto em questão (MENEGAZZO, 2004, p. 29) e, principalmente, considerando sua atualidade.

As características mais expressivas na literatura brasileira contemporânea são o exercício reflexivo, a descontinuidade e o humor, que reforçam o estereótipo. Tem-se a superação do realismo quando a necessidade de marcar a diferença se redireciona para a ampliação e a permanência do diferente, tirando o foco da sua exclusão. O que é diferente e causa estranhamento não deve ser deixado de lado, como é comum em outros momentos, mas unido ao conceito de belo e usual. O conceito de *trompe l'oeil*, que permite que a diferença entre real e representação seja imperceptível aos olhos do leitor, desaparece com o surgimento do pluralismo e da instabilidade das formas. Não há mais a necessidade de agradar o leitor/espectador com aquilo que já agradou um dia e que continua em alta, mas provocá-lo a buscar novos significados para uma arte diferente da que já foi apresentada. As acusações de cópia ou apropriação

indevida atribuídas ao pós-modernismo perdem de vista o diálogo entre tradição e modernidade e isso porque este diálogo é explorado com mais intensidade que em qualquer outra época. A constante necessidade de provocar o jogo entre o conhecido e o desconhecido, ficção e realidade prolonga o efeito de cópia e interroga sobre sua veracidade. A cumplicidade do leitor tornou-se, então, uma exigência nas obras pós-modernas. A mudança na relação entre leitor/espectador com a obra propõe que ela seja vista como um jogo, no qual a ironia pode ser a regra fundamental expressa na sua composição. Quanto mais o jogo exige, mais se tem prazer na sua interpretação.





## Bella Jozef

Soube e compartilhei, hoje, quarta-feira, com alguns colegas da Ufes, a tristeza pela morte da crítica literária Bella Jozef, professora emérita da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que se foi, no final do ano, sem que eu pelo menos soubesse. Aos 85 anos, ela sofreu uma parada cardíaca, de causas não identificadas, em sua casa, na zona sul do Rio de Janeiro.

Conheci Bella, mas não fui seu aluno. No entanto, admirava-a demais, pelo seu sempre tão aguçado senso crítico e de valor. Participamos de várias bancas juntos e fomos parceiros em coletâneas. Ela escreveu um belíssimo artigo “Literatura e Cinema” para a Contexto que organizei – O Teatro e suas arenas.

Como já estava programado, no dia em que faleceu, à noite, foi lançado o último livro organizado por ela, Escritos sobre Gabriel García Márquez (Ed. UFRJ), reunião de ensaios sobre o escritor feitos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. O lançamento foi de corpo presente, algo inédito na nossa cultura. Aconteceu na Livraria Travessa, no Centro do Rio.

Carioca, Jozef foi pioneira no ensino da literatura hispano-americana nas universidades brasileiras, tornando-se a principal crítica do gênero no país. Ela foi autora de uma série de livros, incluindo *História*

da *Literatura Hispano-Americana* (Ed. UFRJ/Francisco Alves) e *O espaço reconquistado: linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo*. Bella passou quase 70 de seus 85 anos de vida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde ingressou aos 15 anos como aluna do curso de Letras, chegando mais tarde ao posto de professora emérita. Filha de imigrantes russos, Bella Jozef nasceu no Rio de Janeiro em 29 de janeiro de 1926.

Ainda adolescente começou os estudos universitários na UFRJ, onde se tornou assistente do poeta Manuel Bandeira, professor da instituição. Foi por estímulo de Bandeira que Bella se encaminhou ao estudo da literatura hispano-americana, a que dedicaria sua vida. “É no continente que se produz o melhor romance moderno, a literatura mais universal pela temática, pelo achado estilístico e pela visão de mundo”, declarou certa vez ao jornal da UFRJ. Além de assumir por concurso a cátedra de literatura hispano-americana, Bella foi diretora do departamento de Letras Neolatinas e orientou dezenas de teses e dissertações. Autora de estudos sobre os principais escritores hispano-americanos do século XX, ela foi a coordenadora da seção brasileira do importante *Diccionario Enciclopédico de las letras de América Latina*, publicado em 1998. Os anos de convivência e amizade com os escritores sobre os quais escreveu resultaram no lançamento em 1999 do livro de entrevistas *Diálogos oblíquos*, com conversas com autores como Julio Cortázar, Jorge Luis Borges e Gabriel García Márquez.

No Congresso que organizei sobre “Políticas do

pensamento contemporâneo – Literatura, Linguagens e Mídias”, em 2006, Bella aceitou o meu convite para uma conferência e escreveu uma belíssima fala de nome “Vou de Bolero” para êxtase de todos na plateia. Gostava de se hospedar no Hotel Aruan, porque dava seus mergulhos na Praia de Camburi pela manhã.

Todo o meu carinho e respeito à amiga e mestra de todos os tempos! Bella Jozef!



**EDUFES**

**EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

*Av. Fernando Ferrari, 514 - CEP 29075-910 - Goiabeiras - Vitória - ES*

*Tel: (27) 3335 7852    [ediufes@yahoo.com.br](mailto:ediufes@yahoo.com.br) - [livrariaufes@npd.ufes.br](mailto:livrariaufes@npd.ufes.br)*